

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

—E' forçoso reconhecer que, no tempo do Imperio, não tinhamos disso, essas grèves continuas a sobresaltarem a ordem publica. Dir-se-ia que a Republica importou dos paizes europeus as mazellas, os vicios... — dizia um antigo jornalista, recalci-trante aos effeitos da revolução de 15 de novembro.

—As grèves são um producto logico do progresso e das instituições democraticas—respondemos, sem intenção de convencer-o, porque o meu intransigente amigo vive a catar os senões, os erros, os carrancismos do governo republicano, com uma solicitude infatigavel de adversario leal que não perde vaza — As grèves resultam da lucta, muito natural, entre o capital e o trabalho, e denotam a actividade de energias sociaes, desconhecidas no passado, energias dispersas que, depois da consagração dos direitos individuaes, da egualdade perante a lei, se systematisam lentamente numa força que ha de necessariamente ponderar nos destinos dos povos, a força ineluctavel do maior numero, das massas, arrancadas da ignorancia e instruidas dos seus direitos, do seu papel, da sua funcção social.

—Isto cheira a socialismo, á anarchia, ao direito á preguiça e ao regimen do *prenez au tas...*

—Num paiz rico, como o nosso, essa nefasta hypothese, não sendo de todo absurda, estará, felizmente, removida para um futuro muito afastado, que não será contemporaneo dos nossos filhos nem dos nossos netos. Emquanto tivermos vastissimo territorio despovoado, os feracissimos dons da natureza, este clima delicioso, estaremos preservados da miseria negra com o seu horrendo cortejo de desgraças, de recursos crueis do desespero dos que têm fome, dos que têm frio.

No tempo do Imperio, não tinhamos grèves pela simplissima razão de não termos industrias que agglomerassem numa communhão de interesses, de idéas e aspirações, legiões de operarios.

A lavoira, as insignificantes fabricas, florescentes naquelle tempo, se nutriam com o trabalho do escravo, cujas *paredes* eram consideradas motins, rebeldia punida com a sancção do chicóte. O operario escravo não tinha direitos; a unica aspiração daquelles que descortinavam horisontes, além das paredes fumarentas das senzallas, ou das cercas da fazenda, era a liberdade, aspiração a lhes absorver todas as forças.

Depois, surgiu da emancipação a besta de carga transformada em operario, aperfeiçoado ao contacto da immigração, e foi adquirindo a consciencia da sua personalidade, dos seus direitos, ao mesmo tempo que se lhe ampliava a area de acção para consolidar uma familia, organizar um lar e conquistar a maior somma possivel de utilidades correspondentes ás necessidades, sempre crescentes, da vida moderna.

As grèves não são possíveis senão onde ha vida operaria em commum, onde ha permanente troca de idéas entre homens subordinados aos mesmos habitos, ao mesmo systema de actividade. As aspirações individuaes de um trabalhador isolado fenecem como esperanças, sem conseguirem corporisar-se num energico impulso para a realidade.

O empenho actual é a reducção do trabalho a oito horas. Não ha reclamação mais legitima, porque emana de um interesse superior em poupar a machina humana, o mesmo que preside ao cuidado em não deixar rebentarem, pela excessiva funcção, os mais solidos aparelhos de ferro e aço. E' indispensavel para a sociedade, do ponto de vista politico e economico, cuidar da raça, do aperfeiçoamento

dos nossos elementos ethnicos, para evitarmos a desgraça de sermos nm povo degenerado, evitando os terriveis effeitos das molestias artificiaes, dos males adquiridos pelo abuso dos musculos e dos nervos, pela intoxicação dos costumes, desviados de todos os dictames da hygiene physica e moral.

Mas essa reducção das horas de trabalho é uma consequencia da vida operaria nas fabricas, nas empresas que demandam grande concurso de operarios, e, em parte, um effeito natural da imitação das idéas importadas dos grandes centros de população europeus, como parece indicar um contraste saliente que nós podemos observar todos os dias, a cada canto, nesta pittoresca e empoeirada cidade.

Os operarios, em pequenos grupos, não se queixam do excesso das horas de trabalho: abusam voluntariamente das suas forças. Vemol-os, os de occupações sedentarias, trabalharem até alta noite.

A cada canto se nos deparam sapateiros, agrupados em torno de uma tenda diminuta, trabalharem alegres á luz infecta de uma lamparina de petroleo, que empesta o ambiente da estreita loja, escura e suja. Dão-se aos mesmos excessos os alfaiates, os barbeiros, costureiras e engommadeiras.

Aos domingos, quando toda a gente váe gozar o seu dia de descanso, vemos em actividade as officinas de carpinteiro e todos os logares de trabalho que não são, propriamente, fabricas.

A classe dos pedreiros, essa está habituada a não aproveitar os domingos e dias santificados, que o governo da Republica está, insensivelmente, restaurando em respeito á indole accentuadamente catholica do nosso povo, que não se contenta com os exdruxulos feriados officiaes.

Se uma lei municipal não prohibisse, para gaudio da nobre classe caixeiral, a abertura das lojas, dos estabelecimentos commerciaes aos do-

mingos, esta cidade teria o aspecto de permanente, de ininterrupta actividade.

E ha muitos milhares de operarios que trabalham, voluntariamente, noite e noite, domingos e dias santos, operarios que não cogitam das aspirações legitimas defendidas pelas gréves e, antes, estimariam que se prolongasse o tempo para trabalharem mais.

Uma coisa é o operario, cujo ganho está na relação directa do trabalho executado; outra coisa é o operario de salario fixo, indifferente aos resultados do seu esforço: trabalhar para outrem é muito penoso, relembra a escravidão; trabalhar para si mesmo é uma delicia. No primeiro caso, a lei é fazer jús ao salario com o minimo esforço; no segundo, não se pondéra o dispendio de forças, só se tendo em mira os resultados.

E' bem provavel, senão certo, que, no dia em que os patrões interessarem os operarios nos resultados no producto das fabricas, desaparecerá essa tyrannia do excesso de horas de trabalho. Será esse o melhor, o mais efficaz prophylatico das gréves, em que, por via de regra, actúam, como instigadores, elementos, por gosto, vocação e principio, inimigos intransigentes dessa absurda invenção do trabalho, propugnadores do direito á preguiça.

Não são esses achaques dos povos cultos, adquiridos ao contagio da immigração, que prejudicam a Republica. Mais perniciosos são os velhos habitos de governo, esse bolor do regimen dos Braganças, que entorpecu o Imperio e está ainda predominando no governo democratico, sob a fôrma de um conselheirismo pacato representado por medallhões de grande valor paleontologico.

Que diria o nosso refractario amigo se visse um grão-duque governando a Republica? Pois é precisamente esse regimen de absurdo contundente o que está sendo perpetuado em quasi duzia e meia dos Estados brazileiros — as idéas, as instituições democraticas confiadas a executores sem convicção, sem amor, inspirados pelos interesses das dynastias, que ao admiravel optimismo do nosso fecundo, do inimitavel Pangloss, se figuram dominadas pelo espirito de impulsionarem o pro-

gresso material das regiões a ellas submettidas.

Tudo depende *del crystal por que se mira*, e, com um grande esforço de bôa vontade, grande somma de misericordia nos habituamos ás monstruosidades, quando ellas são irremediaveis.

O que falta ao governo republicano é, justamente, aquillo de que carecia a monarchia — uma vontade firme, caldeada na chamma do patriotismo, inspirada pela fé na capacidade do nosso povo para as conquistas mais avantajadas da civilisação.

Essa vontade realisa prodigios. Ella fez, em menos de trinta annos, esse maravilhoso Japão que está assombrando o mundo; fez o que o grande Imperador, governando o mais bello, o mais rico paiz do mundo, não pôde fazer em meio seculo de paz, e o que nós republicanos não faremos nesses cincoenta annos mais chegados, se não banirmos, definitivamente, o regimen das indecisões, dos receios pueris, das cautelas ronceiras, que nos agrilhôm á rotina.

Quando chegarmos a ser governados por estadistas que se identifiquem de corpo e alma com as instituições democraticas, entraremos com segurança no caminho das conquistas dos nossos idéaes.

Não temeremos, então, as gréves, as perturbações inherentes á actividade dos povos que andam para adeante, nem os tropeços muito naturaes nas estradas novas, cheias de accidentes do imprevisto.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DE ASSUMPÇÃO A TUPYHUM

Com o ferimento recebido em Lomas Valentinas, ainda aberto, escondido por um capacete de largas ataduras brancas, e ainda alferes de infantaria depois de quatro longos annos da mais dura das campanhas, fui transferido, no mez de abril de 1869, para o batalhão de engenheiros, commandado pelo coronel Conrado Bittencourt e aquartelado em Assumpção.

Logo depois, fui escalado para destacar com um pequeno contingente de sapadores para o norte da Republica, em uma expedição sob as ordens do coronel Juca Bueno.

Commandava o exercito o general Guilherme Xavier de Souza, illustre filho da bella terra que deu tambem os heroicos Fernando Machado e Jacintho Bittencourt. Constou-lhe que para os lados do Rosario e S. Pedro, o major paraguayo Galiano, com força numerosa, fazia as ultimas levadas daquelle povo esforçado, não poupando velhos nem creanças, arrebanhando todo o gado vaccum para bastimento e cavallos para a remonta do exercito de Lopez, que se organisava para os derradeiros dias de resistencia. A nossa columna, organizada em brigada das trez armas, embarcou naquelle mez em transportes da marinha e subiu o Paraguay até proximo á embocadura do Quarepoty, pequeno rio affluente da margem esquerda. Saltámos, pouco depois do meio dia, em um campo baixo e alagadiço, que atravessámos com difficuldades, chegando sem novidade á cidade do Rosario, edificada num alto e rodeada de laranjaes. Estava abandonada. A tropa alojou-se na casaria mal construida da vasta praça principal e nas adjacentes, e a cavallaria acampon na margem do arroio, contraindicado pelo seu nome singular. A minha casa era num angulo da praça e frente á fachada direita da igreja. Achei uma cama de madeira com trança de tentos de *lonca* muito finos, onde dormi melhores somnos do que nos acampamentos, em que mais de uma vez as pontas mal aparadas das varas do giráu me fizeram sonhar com lanças paraguayas me entrando pelas costellas.

O quintal dava fundos para o da casa do meu amigo Felinto Gomes de Araujo, capitão commandante da artilharia, official dos mais illustres do nosso exercito, que o Brazil teve a má sorte de perder depois da guerra, já no alto posto de coronel e que deixou um rastro luminoso de brilhantes serviços, a mais bella reputação pelo seu talento privilegiado e sobretudo pelos peregrinos predicados moraes.

Era um militar de escól, fadado a brilhar nos mais altos commandos.

Entre os seus officiaes distinguam-se o 1º tenente Emydio Cavalcanti de Mello, hoje general reformado, meu velho e illustrado amigo e comprovinciano; o alferes de cavallaria Carlos Soares, tambem reformado hoje em general, meu distincto condiscipulo e amigo, que gostava muito de trasguear e discutir; e o 2º tenente Frederico Vereza, bom typo de soldado, alegre, bôa prosa e folgazão.

Eramos todos amigos e até hoje guardo suaves recordações das nossas bôas e francas palestras, sem mal-dizer dos camaradas, nem atassalhar a pelle dos nossos superiores.

Reuniamos-nos sempre em casa do

Felinto, ao redor de uma meza, onde fervia, ás vezes, uma enorme caldeira de cobre muito polido, com a fornalha e chaminé no centro e munida duma torneira, por onde saía a agua para o matte, que corria a grande roda. Era um *samovar* russo, que alli achámos e do qual o nome e serventia nos ensinou um official polaco, cuja graça e apellido não me animo a citar para não me responsabilisar pela orthographia demasiado complicada.

Correu que o inimigo andava perto, e o coronel Bueno deu-me ordem para fortificar e levantar a planta da cidade. Que apuros!... Nunca havia aberto um livro de fortificação, e o que me restava de topographia era um vislumbre do nada que aprendi nos exercicios praticos do 1º anno da Escola Central. Ainda hoje, tenho duvidas si o instructor sabia nivelar o theodolito. Felizmente, tive o amigo Felinto, que me *desapertou* ensinando-me a trabalhar com uma bussola velha dando-me umas tinturas para o traçado da fortificação, do que, aliás, eu tinha algumas noções praticas adquiridas na divisão do general Argollo, que, entre outros apellidos postos pelos soldados, tinha o de *Tatú*, porque era um infatigavel cavador de fossos.

Fiz o que pude; mas, confesso, não saíu grande coisa e nem mereceria a approvação do mais benevolo Souza Moreira.

Fazia sempre parte da nossa ródá o Pompilio de Albuquerque, que deixou depois a fama de um dos mais esforçados luctadores da propaganda republicana. Era uma especie da Cyrano de Bergerac, pelo espirito, pela bravura e tambem pelas avantajadas proporções do nariz. O saudoso amigo figuraria com honra entre os cadetes da Gasconha do capitão de Castel-Jaloux.

Eramos visitados, de vez em quando pelos nossos amigos da esquadra, cujos navios estavam ancorados perto. Que bôa camaradagem! Que cordialidade sincera reinava entre nós, que cooperavamos, de mãos dadas, lealmente, sem ciúmes nem prevenções, para elevar bem alto o nome da nossa Patria.

Entre elles, ía sempre o dr. Justiniano de Castro Rabello, que já apresentava symptomas da enfermidade cruel que o matou.

Para os fins de maio, a força do Juca Bueno incorporou-se a outras que passavam rio acima, sob o commando do illustre general José Antonio Corrêa da Camara. Era uma bella expedição em muitos vapores, que sulcavam velozes as aguas tranquilladas do grande rio de margens desertas, onde os unicos vestigios do homem eram os pequenos *mangrulhos* das guardas antigas, que haviam des-

apparecido. Passámos a fóz do Jejuy, affluente da margem esquerda, e, pouco tempo depois, atracámos á baranca do Potrero Iponã

Após penosa marcha por extensos brejaes, onde infantes e cavalleiros topavam, a cada passo, com immensos e altos *tacurís* e afundavam-se em largos atascadeiros, avistámos as casas branqueadas da cidade de São Pedro, já ao cair da tarde.

Estava deserta e abandonada. Todos os habitantes, sem excepção de um só, haviam fugido. Pela melancolia, que se apoderou de mim, quando vi todas aquellas casas fechadas, onde reinava, dantes, a paz, e a felicidade sorria á vida mansa da familia, avalio as impressões profundas dos que investigam as phantasticas cidades soterradas da Mesopotamia e do Yucatão.

A povoação, cataleptica, ressuscitou por encanto. As portas se abriram, illuminaram-se as casas, as chaminés fumegaram, os sinos da capella repicaram, tocaram as bandas de musica, as ruas encheram-se de gente armada e mulheres passavam a pé e a cavallo, umas só, outras com creanças na garupa ou escanchadas ao lado. Parecia um dia de festa. Mais tarde, ouvimos as canções monotonas do sul ao choro do violão e as languidas tyrannas do norte, acompanhadas na viola plangente.

São Pedro era uma das melhores cidades daquella terra jesuitica; tinha casas de bom aspecto e algumas ruas com os passeios empedrados. Edificada em uma lomba, defendiam-na pela frente os grandes esteios por onde a attingimos, os quaes se prolongavam á direita e ao fundo. Pela esquerda, se descia para o rio Jejuy, que passava correntoso, com as margens de praias de areia e barrancos de argilla.

Nas varzeas marginaes, se abrigava entre as hervas bôas, o traçoeiro *miomio*, que matou grande numero dos nossos animaes.

O meu destacamento era composto do que o batalhão tinha nas suas fileiras de peor e imprestavel. Era vêzo velho, que hoje ainda perdura entre os commandantes de companhias e até de corpos, escolherem a escoria das suas fileiras para os contingentes que saem destacados. Não ha muito tempo que, apezar das ordens terminantes do governo, me foi necessario mandar substituir quasi todo o destacamento que foi posto á minha disposição.

Alojei os meus homens com o sargento Bomfim, que era bôa praça em uma casa de bôa apparencia e abolettei-me defronte num bello predio, com extensa columnata na fachada principal. Commigo ficaram o Antonio Faustino, meu bagageiro e o Francisco Antonio, meu camarada, vindos

commigo do Dezeseis. Eram ambos filhos da Bahia, o primeiro da freguezia de Santo Antonio, da velha e valorosa cidade; o outro, de S. José de Itapororócas, perto da feira de Sant'Anna.

O Antonio Faustino havia estudado latim no Lyceu; lembrava-se ainda da *regra abaixo de Arbor, arboris*, e difficilmente traduzia ao pé da letra o periodo mais facil de Eutropio. Ambos eram valentes crioulos e meus amigos dedicados. Nunca pensei achar no interior daquella republica dictatorial, casa tão bem posta como a minha.

Na frente, dois grandes salões. O maior, ricamente mobiliado, com grandes espelhos, consolos de marmore branco, confortaveis poltronas e sofás esculpidos, forrados todos de brocatel de seda escarlata, ricos tapetes, vasos preciosos e candelabros de bronze cinzelado. O outro era a bibliotheca, com armarios e livros, cadeiras e mezas, uma grande secretária e uma pezada arca de páu ferro, com pés torneados. Para trás, vasto comedeiro e outras salas, camarins e recamaras e um oratorio com grandes imagens e um bello Christo crucificado. O proprietario devia ser importante. Entre os livros achei a Historia Geral das Missões, a Universal, de Cesar Cantu, uma Physica de Ganot em hespanhol, e muitas outras obras das quaes não mais me recordo dos nomes.

Fiz da bibliotheca o meu quarto de dormir. Mande transportar para lá o grande sofá de seda para servir-me de cama, um almofadão bordado para travesseiro, e uma riquissima colcha com borlas de ouro para cobertor. Resolvera desferrar-me das muitas noites que havia passado nas avançadas, tendo o braço por travesseiro e por colchão a lama pisoteada.

Em um armario embutido num canto, achei uma garrafa de crystal cheia de aguardente. Dei-a ao soldado Benedicto, que passava, para entregar-a ao sargento, afim de distribuil-a ás praças na formatura do alarma. Era um pessimo costume daquella epocha, em que se acreditava na prophylactica do alcool contra as febres palustres.

Abri a grande secretaria, cuja chave tinha ficado na fechadura. Tudo estava em ordem. Dois albuns de retratos de familia, sendo um de moças e rapazes phantasiados, estavam arrumados num canto. Em uma gavetinha, vi um maço de cartas, atadas com uma fita estreita. Não tinham involucros. O sobrescripto estava no mesmo papel. Eram dirigidas a: *Señora de Mieres*. Nunca mais esqueceu esse nome.

Li uma — estava datada de Cerro Leon, e tinha por epigraphe: *Mi querida mamá*. Era de um filho á mãe querida; contava-lhe as suas saudades,

as esperanças de beijal-a em breve e tantas e tantas caricias e ternuras, que já não guardo todas na memoria, mas que me emocionaram profundamente. Lembrei-me que também tinha bem longe a minha mamãe querida, a minha santa mãe que desde a minha partida para a guerra, nunca mais quiz ter por leito sinão o soalho duro, lembrando-se que o meu não era macio como quando ella me acalentava no berço de plumas e cambraias; que nunca deixou de rezar por mim todos os dias e chorava tanto, tanto, que seus olhos, tão bellos, se inflammaram e quasi se perderam. Como eras forte, minha mãe! Nunca deixaste de me recommendar em tuas cartas que cumprisse sempre o meu dever e conservasse illeso e puro o nome da familia. Fechei a carta, arrependido da minha curiosidade; dobrei-a como estava e atei novamente o maço com a fitinha. Oh! guerra, e ha ainda quem faça a tua apologia!

Abri o velho Ganot, que feclára, havia cinco annos, depois que o Loscio e o Pitanga me despediram com o gráu 10. Tinha sido o meu compendio, e o folheava com prazer, apezar de quasi não saber mais o que aprendera.

Fui distraído pelo soldado Benedicto, que deu uma topada na soleira da porta, enxugou a bocca babosa com as costas da mão e avançou guinando para o meu lado, tentando aprumar-se embalde e esforçando-se por perfilar-se a dois passos de distancia. Estava bebado. Déra conta da garrafa inteira. Chamei pelo Antonio Faustino, que chegou correndo.

— Apresenta este homem ao sargento; que o ponha de plantão em ordem de marcha, com pedras na mochila, até segunda ordem.

O infeliz difficilmente se aguentava em pé; engrolou umas desculpas e foi-se cambaleando. Ouvi o Antonio Faustino, soldado sobrio e bom, dizer-lhe:

— «Que vicio tão feio este, Benedicto! Para que bebes assim?

— Tudo bebe, camarada. Só não bebe o sino da igreja, porque está com a bocca virada para baixo.

Achei graça na defeza do borracho. Estava meio fatigado da aspera marcha que acabavamos de fazer e tratei de descansar. Estirei-me de botas e de espada á cinta no meu rico sofá estofado, cobri-me com a bella colcha de damasco e accendi um grande cigarro de palha de milho. Não tinha inveja nem do Grão-Turco e fazia castellos, cada qual mais dourado. Ia pegando no somno, quando entrou o amigo Vereza, prosa alegre e divertidissima. Sentou-se ao meu lado, numa fôfa poltrona e mandou o Francisco Antonio fazer matte. Tinha o curso preparatorio da Escola Militar, onde fôra um estudante de alegre nomeada.

Vadio como elle só. Recordava-me scenas e passagens, com bom humor communicativo. Fallou-me do seu exame de artilharia e da celebre definição de trajectoria, que os examinadores ouviram, embasbacados:

— «*A curva descripta pelo vacuo no espaço.*»

Perdi o somno. O Vereza era um companheirão. Contou-me a definição de clima no exame de geographia, dada pelo sargento Belóta do 8º, com o seu comprido cavaignac e bigodão retorcido:

— «Clima ou athmosphera é justamente o pólo que fica mais visinho do Equador.»

De vez em quando, parava para sorver um chimarrão. O Vereza tinha pretensões a gaúcho. Continuou a chalar com a mesma veia e eu a escutal-o satisfeito. Ouvimos perto uma vozeria de mulheres. Levantámo-nos e fômos até á porta da rua. Eram chinas, que andavam revistando as casas vacias para saquearem; cada uma, com o seu rolinho de cêra preta. Entrámos. O Vereza apagou a vela e escondeu-se atrás da porta, que deixou meio cerrada. As vózes se approximavam. O rancho parou.

— Quem morará aqui? — disse uma.

— Ninguem, de certo; não ha luz... Quem sabe? Póde ser algum official.

— Qual o que! Experimenta... entra... Passou então os humbraes uma mão com um rolinho acceso e logo um vulto escuro e esguio. O Vereza saltou-lhe ás guélas com as duas mãos, e gritou com a vóz guttural dos paraguayos:

— «Yá te maté, cunha pirú, cambay del inferno.»

A megêra deu um grito de terror, e o bando dispersou-se. O rolinho caíu, e a luz morticã ondeiava em vascas, bruxoleando em nuvens de fumaça ennegrecida.

A Maria Varêta, porém, não era mulher de assustar-se muito tempo. Puxou da faca de ponta e investiu contra o Vereza, com furia, e dizendo nomes de arrepiar os cabellos. Elle era do Rio e ligeiro como um gato — desviou um bôte que lhe vinha ao peito e abaixou-se —... A mulher terrivel bateu com a cabeça no pé da secretária e a faca voou pelos ares... Os soldados levaram-na aos gritos e elle, rindo como um doido, chamou-me a attenção para o assombroso *polynomio* de injurias, que ella *desenvolvia* contra nós, até que os ultimos *termos* se perderam, com a vóz rouquenha, no silencio da noite.

Essas mulheres que seguiam o exercito não tinham medo de coisa alguma. Iam ás avançadas mais perigosas levar a *boia* dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegarem-se aos feridos, rasgarem as saias em ata-

duas para lhes estancarem o sangue, montal-os na garupa dos seus cavallo e conduzil-os no meio das balas para os hospitaes. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combates, e as pontas das suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos.

O amigo despediu-se. Já era tarde.

Dormi um somno profundo e sem sonhos. Era somno de um rapaz forte e sadio, sem ambições, na primavera da vida e despreoccupado.

No dia seguinte, recebemos ordem de marcha. O Camara não era general de esperar muito tempo. Possuia, entre as muitas qualidades, que faziam d'elle um grande chefe, a celeridade dos movimentos e a rapidez e decisão dos golpes. Era um cabo de guerra de primeira ordem. Diziam que antes de principiar a campanha era o que se chama, em giria militar, um *descrente*. Desejava reformar-se e ser empregado publico.

Naquelle capitão desanimado, estava um dos nossos mais brilhantes generaes. Ganhou em poucos annos os bordados, praticando assignalados feitos de galhardia.

Eu proprio fui testemunha ocular de algumas das suas proezas, que fizeram vibrar as fibras do meu coração e deixaram-no palpitando de enthusiasmo.

Na batalha do Avahy, vi-o, ainda coronel, dar cargas formidaveis sobre as cavallarias e os quadrados paraguayos e esmagal-os á frente dos seus irresistiveis esquadrões.

Pela primeira vez, tinha a honra de servir sob as suas ordens. Estava certo da nossa victoria, não só por elle, como por estarmos em maio, o mez que nos foi, entre todos, o mais propicio.

Antes de partir, montei a cavallo e fui ao acampamento do Felinto. De passagem, vi uns cavallo gordos e bonitos, lustrosos, estorcendo-se em agonia. Perguntei ao cabo de *pastoreio* o que era aquillo.

— Comeram *miomio*, sr. alferes. Ha muita dessa herva venenosa na varsea e esses animaes não estavam acostumados.

— E se estivessem, não morreriam?

— Não, senhor; aprendem a conhecê-la e sabem escolher o pasto.

Apreendi mais isso.

Voltei á minha casa e apromptei-me para a marcha. Tive tentações de levar commigo, como objectos curiosos naquellas alturas, uma casaca e um *gibus*; mas, deixei-os no armario onde estavam. Não tinha o direito de apoderar-me delles.

Quando me fui postar á frente do meu contingente, approximava-se da casa uma força de cavallaria da guarda nacional do Rio Grande.

Fez alto e apeiou-se. Iam soldados,

inferiores e officiaes. Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até ao peito, e cabellos trançados que chegavam quasi á cintura; grandes adagas de punhos em cruz e de prata lavrada; chilenas tambem de prata e muito peizadas aos pés, com rosêtas tão grandes que lhes dificultavam a marcha; chapéus de feltro de abas curtas, cobertos de ganga vermelha e presos por barbichos de borla á ponta do nariz; bombachas vermelhas ou negras e ponches de bicunha de côres vivas ou bordados a seda e agaloados; espadas de *ferradura*, com quatro dedos de largura; lanças immensas de conto de prata ou aço polido, de lamina longa e brilhante com galhos de prata em meias luas invertidas, com os cornos pñteagũdos e voltados para cima e para baixo; um par de pistolas á cinta, na pistoleira, que era a larga guaiaca coberta de moédas, onde guardavam as ouças e as libras de ouro, os patações e bolivianos de prata. Os cavallos tinham as crinas aparadas e as *collas* atadas *onde canta o gallo*. Cada um tinha em cima de si pezo enorme, um montão de prataria lavrada. As cabeçadas com grandes meias luas nas testeiras, as redeas de bombas, as bridas, os largos fiadores de chapas ou filagrana, os boças e os cabrestos, as cabeças dos serigotes, os estribos de grande picaria com longos bocaes cylindricos ou faceados, as cantoneiras das caronas de pelle de tigre, os rabichos e os peitoraes; tudo era de fina prata cinzelada. Sobre os serigotes, pellegos negros cobertos por uma badana e sobrecincha de couro de lontra ou veado ou de um tecido escarlata e bordado. Todos tinham boleadeiras, umas de marfim, outras retovadas de couro, presas debaixo dos pellegos do lado da garupa.

Em muitos, viam-se laços bem trançados presos á argolla do travessão da cincha, do lado direito, enrodilhadas sobre a anca e atados ao serigote por um tento de lonca. Poucos traziam pendurados na argolla da segigolla ou no peitoral a chaleirinha do matte.

Era um quadro pittoresco. Havia homens altos e robustos, claros, de olhos azues e cabellos alourados; outros morenos, musculosos, de belleiras negras e lisas, e a barba rarefeita; alguns de labios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto salientes, nariz achatado e cabellos cacheados caído sobre os hombros. Muito poucos eram negros. Parecia uma cabilda de guerreiros da Mauritania. Faltavam-lhes os brancos alborozes.

Todo aquelle bando variegado invadiu a casa, que deixei intacta.

A seda das cadeiras e dos sofás foi rasgada a ponta de faca para servir de badanas. A colcha ficou com um capião. Os espelhos fõram rôtos a conto de lança e cada um ficou com um pe-

daço para mirar-se. O marmore dos consólos não tinha serventia; espedaçou-se na calçada. Os tapetes fõram reduzidos a farrapos; os vasos, as garrafas, os candelabros ficaram em estilhaços; os livros rasgados, porque nenhum podia entendel-os. Nos santos do oratorio, não tocaram: fõram respeitados, apezar de *paraguayos*.

Saquearam o que puderam; inutilisaram o resto. Levaram para regalar o coronel um bello oculo de alcance.

Aquelles barbaros, todos bravos e alguns de bom coração, julgavam aquillo natural e muito licito. Era a herança que lhes tinha ficado das raças dos seus antepassados.

Marchámos e, logo ao saírmos da cidade, encontrámos um immenso banhado de aguas limpidas. Gastámos muito tempo em vadeal-o. Era fundo e, em alguns pontos, de *bola a pé*.

A infantaria desafivellou os cinturões e pôz na cabeça as patronas e os *bogós* cheios de cartuchos.

A munição da artilharia passou nas caixas em cima dos armões e carros manchegos.

O terreno era aberto e semeiado de capões. Ao longe, avistava-se a matta margeiando o rio e os arroios. Tudo era deserto: varseas e cochilhas.

Depois do meio dia, avistámos a collina de *Sargento Loma*. A' tardinha, chegámos ao pequeno povo de Tupy-pitá, donde haviam saído, na vespera, as forças do major Galiano, alli acantonadas. O general expediu ao seu encaço, o regimento de cavallaria do coronel Israel. A' meia noite, soube-se que havia sido encontrada a rectaguarda inimiga. O Camara não perdia tempo. Muito antes de amanhecer, em madrugada alta, levantámos o bivac e marchámos. A cavallaria fazia a vanguarda e dava os flaqueadores.

A artilharia, com os meus sapadores, ía no centro entre os batalhões de infantaria.

Ao despontar do dia 30 de maio, o Felinto, o Cavalcanti de Mello, o Carlos Soares e eu entoámos a toda a bolla o canto do zuavo, que tínhamos aprendido no Rosario.

Aquellas estrophes patrioticas eram chammas que abrasavam a nossa alma juvenil. Sentiamos-nos capazes de combater os Ferrabrazes de Alexandria, os Amadis de Gallia e os Rodomontes do mundo inteiro. Já o Sol dourava o alto das cochilhas, e cantavamos a ultima das estrophes :

Sans crainte, amis, on peut fouler la terre,
Qui tôt ou tard doit recouvrir nos corps,
Quand on sent là, seul bien du militaire,
Un cœur loyal, une âme sans remords.
Heureux celui qui meurt dans les batailles,
Sous son drapeau, près des ses vieux amis;
Il a du moins des nobles funérailles,
Et Dieu bénit qui meurt pour son pays.

Chegou a galope o José Christino, ajudante d'ordens do general e seu

cunhado, e deu-nos, em rapidas palavras, a seguinte ordem :

—O inimigo está á vista, e o general manda avançar ao trote para a frente.

Saudou-nos, deu de redea ao uobre animal e voltou correndo, a espora fita, o jovem e bravo official, hoje general e um bello typo de lealdade e de valor. Pedi ao Felinto um canhão, porque os meus sapadores pouco poderiam fazer. Deu-me dois o bom amigo. Cada um de nós ainda cautava, a meia vóz, o estribillo :

Hourrah, hourrah, mon brave régiment.
Hourrah, hourrah, en avant, en avant.

Chegando ao alto da cochilha, avis-támos ao longe, ua grande vargem de Tupyhum, o carretame do inimigo e suas forças estendidas em batalla.

Pela sua rectaguarda, apparecia a faixa azulada da matta que margeia o rio Aquaray-guanú.

Já os nossos bravos esquadrões de cavallaria galopavam para os flancos, a meia redea.

A infantaria destacou linhas de atiradores, que se estendiam a marche-marche, e a artilharia, assestada numa eminencia, jogava sobre as massas dos batalhões inimigos.

O combate travou-se em toda a linha, e o general Camara, com o seu estado maior, em que brilhavam o José Simeão e o José Christino, percorria, animado e animando, as fileiras.

As nossas forças mais e mais se approximavam, e o inimigo resistia tenazmente, como sempre. Havia chegado o combate á maxima intensidade, quando o Pompilio de Albuquerque, em disparada, me gritava :

—Vem, Dionysio. Segue-me com tuas peças.

Mandei a galope e, por trancos e barrancos, chegámos a um ponto onde elle me deteve. Estavamos defronte, a tiro de pistola, de um immenso curral de páu a pique, em cujo interior as brizas matutinas agitavam as dobras tricolôres de duas bandeiras paraguayas, defendidas pelos batalhões que o enchiam. Na larga porteira, dois canhões nos varriam a metrallia e, pelos intervallos dos moirões, crepitava nutrida a fuzilada.

Mandei metter em bateria frente á esquerda e fizemos da nossa parte o que foi possivel para corresponder á gentileza dos nossos adversarios destemidos. Quasi exgotámos todo o nosso *stock* de lanternetas. Perdi dois homens, tive duas mulas inutilisadas e partido o olhal da conteira de um dos nossos reparos.

Fitava attento o inimigo, quando o vi vacillar, e novelar-se em desordem e retirar-se em debandada. Tinha sido atacado pela rectaguarda. Já nada tínhamos que fazer alli. Mandei engatar, atando com um maneador ao armão a conteira partida, e partimos,

a trote largo, para a frente. Chegámos á margem direita do rio correntoso e profundo. Ainda demos alguns tiros de metralha nas embarcações paraguayas, que vogavam, á força de remos, para a margem opposta. Já havia passado antes parte do seu transporte. Umaz trez ou quatro carretas lá estavam junto á praia. O nosso lado era barrancoso, e concava a curva do rio. Grande parte do inimigo, a maior, estava em nosso poder: mortos, feridos e prisioneiros.

O resto, que não era pouco, havia atravessado o Aquaray, e nos escapára. Todas as embarcações estavam na margem esquerda. O general Camara era decidido.

Pedi voluntarios nadadores. Apresentaram-se innumerados. Escolheu doze, que se despiram completamente, atravessaram uma faca na bocca e atiraram-se, resolutos, ao rio. A correnteza era forte e nós, anciosos e de respiração suspensa, viámos aquelles Leandros de um amor mais sagrado lutando ás braçadas e vencendo-a impavidos. Tiros salteados eram disparados da matta sobre esses herões.

Deus protege os valentes e todos chegaram incolumes á outra banda.

Desamarraram os barcos e voltaram nelles. Cheios de nossos soldados, logo vogaram todos, chalanas e botes, para a margem inimiga. Os infantes interuam-se pela matta e, em pouco tempo, voltaram com grande numero de prisioneiros.

Com elles vinham muitas mulheres, velhas e moças. Entre todas, sobressaía, pela belleza e donaire, uma rapariga clara, rosada, de cabellos negros e olhos grandes. Como todas, foi apresentada ao general.

Eu assistia curioso áquella scena, onde appareciam tantos typos diversos, desde o velho alquebrado e curvo até o menino louro e descuidado, desde a velha sêcca e desgrenhada até á creança risonha e linda. Havia centenaes delles. A moça paragnaya attraía os curiosos, quando vi approximar-se della um velho, que servia no quartel-general. Lembro-me bem do seu nome e si não o menciono é porque, si ainda viver, lhe cansarão penas as recordações daquella epocha nefasta em que a sua patria combatia heroicamente contra nós. Dirigiu-se a ella em bom espanhol. (Os paraguayos e correntinos de *alto cothurno* não gostam de fallar guarany á vista de gente.) Ella inclinou-se e pegou-lhe na larga mão para imprimir-lhe um beijo — era sua filha. O velho deteve-a.

— Onde está tua mãe?

— Não sei — balbuciou ella.

— Desde quando?

Ella corou e baixou o olhar. Parecia humilhada deante de nós.

— Já sei, desventurada. Deixaste

tua mãe enferma e velha por algum soldado indigno da nossa alliança.

O pobre velho presunhia valer ainda alguma coisa... elle, um nosso *vaqueano*. Foi preciso que o general intervisse para que cessasse aquella scena pungente.

A nobre terra paraguayana tinha sido tão açoitada pela desventura, que já os homens se tinham identificado com ella. O velho perdôou a filha, que lhe caíu nos braços soluçando. Talvez algum neto do *passado* figure nas culminancias da Republica, orgulhoso da sua *alcurnia* e despresando os humildes descendentes dos pobres herões ignorados que morreram nos sanguinolentos campos de batalha, abençoados pelo genio da patria, que elles souberam defender.

A nossa victoria foi completa.

O major Galiano fugiu com poucos homens, deixando em nosso poder toda a artilharia, bagagem e centenaes de prisioneiros.

Regressámos a Assumpção. Já não estava alli o exercito, cujo commandante era o joven principe de Orléans, o bravo marechal de exercito o sr. conde d'Eu, que se revelou um dos nossos melhores generaes, não só pela bravura peculiar á raça de Henrique IV. como por elevadas qualidades de commando, entre as quaes destacava-se a rapidez dos movimentos e a certeza dos golpes estrategicos.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A MURALHA (*)

COELHO NETTO
PEÇA EM 3 ACTOS

—
A Arthur Azevedo

TERCEIRO ACTO

O mesmo scenario do segundo acto:

SCENA I

SERGIO E CARLOS

Sergio muito calmo; Carlos passeiando, a fumar:

SERGIO

A violencia não corrige nem resalva o brio. Se entendes que tua mulher não é digna, procede tu com dignidade despedindo-a da tua companhia, mas não a maltrates com actos e palavras. Insultando-a em presença dos creados, não só a aviltas como te degradas. O creado é o vetor principal da diffamação — é o espião que a sociedade tem em todos os lares. Se não podemos evitar que elle espreite e aude a escutar ás portas, não as escancaremos para que elle veja as nossas miserias e ouça as nossas confidencias. E os creados aqui são comparsas que, se não falam, tomam parte em todas as scenas de uma dissolução domestica. Não a queeres? despede-a, não a maltrates.

CARLOS

Que a despeça? e o meu nome, que é seu?

Quer que ella o leve por alli, de rastos, que o enxovalhe no lôdo?

SERGIO

Phrases. O homem, cuja mulher claudica, não é um aviltado, é um traído. Ninguém condemna o que dorme por não prender os ladrões que lhe entram no quarto. (*Falando consigo:*) E' verdade que todo aquelle que clama soccorro, depois do alarma, faz rir. (*Proseguindo no tom natural:*) Não faz jús ao nome de covarde o viandante que cae em ciladas de bandidos e é mais facil guardar valores do que zelar e defender a honra que se perde num simples olhar, num rapido aperto de mão, numa leve troca de palavras ligeiras. Não defendo tua mulher senão com a justiça; se houvesse interesse, está visto que seria por ti. Não acho razão no que dizes, nem desculpo o que fazes. Ainda não a colhi em procedimento que me fizesse suspeitar um crime. E tu a precipitas, sempre a atirar-lhe em rosto a fortuna do Narciso. Mostras com isso despeito. E olha lá — perigo maior do que o dinheiro é a delicadeza do que nos hospeda. Quando uma mulher se põe a comparar, está decidida a escolher e, se Estella fizer o confronto... ai! de ti.

CARLOS

Quer dizer que serei preterido? Já fui.

SERGIO

Tens provas?

CARLOS

Que provas pôdem ficar de um adultério?

SERGIO

Muitas. A mulher que pecca, não sendo uma dissoluta, soffre grandes modificações no moral, que um homem de tacto, com alguma observação, apprehende. Era timida? desembaraça-se; era franca, retráe-se. Ha sempre um disfarce em toda a falta. O que chamamos remorso é a fluctuação do crime. E' o corpo que pecca, dirás, mas a alma resente-se como se resente o ar do calor do Sol e da exalação da Terra. Falo em tom de philosopho — é que te estou dando uma lição em palavras suaves, que te não meindrem. E lembra-te de nós. Ainda estás em tempo de considerar, considera. Já te incompatibilisaste com o Narciso e agora rompes com tua mulher. Que pretendes fazer? dize...

CARLOS

Trabalhar. Tenho energia bastante para vencer a vida.

SERGIO

Parece-te. Ha de ser difficil, se não fôr impossivel. Filho, isto é como quem desce uma montanha a correr — a principio, corre, com a consciencia de quem executa um acto da voutade; depois, é a vertigem. Tu já vâes precipitado, não corres — despenhaste, attraído pela profundidade. Se ainda fosses homem de querer, mas... Tua mãe é a maior culpada. Não quero accusal-a para pôr-me a salvo — somos galés da mesma corrente... mas a principal culpada é ella. Porque nos achamos reduzidos a tão humilde e triste condição? Porque vivemos da esmola, que, se nos é dada com fidalguia, nem por isso deixa de ser humilhante? porque esbaujamos. Eu devia ter reagido, sim, devia — cedi, isto é: fui connivente. A minha

cumplicidade foi a de quem, na presença de um crime, não clama nem procura ter mão no criminoso. Soffro ; é justo.

CARLOS

Mas a que vem isso agóra ?

SERGIO

A que vem?... Vem como todas as maguas que sóbem á tona quando se revolve, por uma, o fundo do passado. Estella ainda hontem, como disseste, tinha por ti apenas odio, hoje despreza-te. O odio é alguma coisa, suppõe um inimigo, o desprezo é nada. Já não existes para tua mulher. Sois como dois ramos da mesma arvore que, quanto mais crescem, mais se afastam. Os dias, d'ora avante, longe de vos approximarem, mais vos apartarão. Ha, entre vós, o largo, profundo abysmo da indiferença para encher o só uma dedicação de que te não julgo capaz, ou o perdão que não virá do amor proprio que offendesté. A sociedade... A sociedade... é uma amante formidavel que nos explora para, no dia da decadencia, commentar, a rir, todas as nossas fraquezas. Sedúz como o jogo, embriaga como o vinho, servilisa como a luxuria e, como todos esses vicios, mata. A sociedade faz-se pagar; se não cobra á porta, quando nos recebe, examina-nos a ver se levamos o bilhete de entrada rubricado pelo alfaiate ou pela costureira, pelo ourives, pelo luveiro, pelo alquilador, esses fornecedores do luxo, que são os seus porteiros. Ai! de nós se aferimos os bilhetes nos cubiculos de taes homens, logo sentimos no trato dos que nos recebem o recolhido desgosto que lhes causa a nossa miseria. A sociedade é copia da natureza que, emquanto temos vida e força, nos dá o Sol, o ar e todos os seus primores; tanto, porém, que tropeçamos no tumulto, logo nos volta a face e lega-nos ao verme. (*Outro tom* :) Tua mãe ali vem. Ella conhece a vida melhor do que eu. Aconselha-te com ella.

Camilla entra arrebatadamente.

SCENA II

OS MESMOS E CAMILLA

CAMILLA, a Carlos :

Estella esteve aqui ?

CARLOS, *surprehendido* :

Não. Deve estar no quarto.

CAMILLA

Tens certeza ?

CARLOS

Porque pergunta ?

CAMILLA

Váe ver. (*Espanto dos dois homens. Carlos, subitamente ferido por uma desconfiança, precipita-se, quasi a correr, pela esquerda.*)

SCENA III

SERGIO E CAMILLA

SERGIO

Que ha ?

CAMILLA, *vóz surda* :

Estella fugiu.

SERGIO

Como ? !

CAMILLA

Ora ! como... ?

SERGIO

Estás louca !

CAMILLA

Ah ! estou louca... Espera um instante.

SERGIO

Mas fugiu, porque ? com quem ?

CAMILLA

Ainda perguntas...

SERGIO

Narciso ? Mas Narciso está ahi. Deixei-o, ha pouco, no pavilhão, escrevendo.

CAMILLA

O commendador ?

SERGIO

Sim...

CAMILLA

Acautelando os seus interesses, providenciando para a partida...

SERGIO

Partida ! para onde ?

CAMILLA

Sei lá ! O que sei é que Estella não está no quarto.

SERGIO

E a roupa ?

CAMILLA

Ora, a roupa... Bem se importa ella com a roupa. Não lhe ha de faltar. (*Carlos entra aturdido, o ar idiota.*) Então ?

SCENA IV

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS, *succumbido* :

Não está.

CAMILLA, a Sergio :

Ahi tens.

SERGIO

Vocês assim quizeram.

CAMILLA, *arrebata* :

Nós ?

SERGIO

Não te irrites. Tu e Carlos... O melhor é calar-me. Que lucro eu com palavras ? Fugiu... está acabado.

CAMILLA

E's muito resignado...

SERGIO

Sou, e é tarde para modificar-me, filha. Já agóra, a acabar, não vale a pena pensar nisso. Sou assim, deixa-me estar. O que te garanto é que este meu genio não trouxe mal algum ao mundo. (*Senta-se abatido.*)

CAMILLA, a Carlos :

E tu ? que fazes ?

CARLOS

Que hei de fazer ?

CAMILLA, *com sarcasmo, cruzando os braços* :

E' extraordinario ! Dois homens... (*Íntermitente* :) Por dignidade ao menos, meus senhores.

CARLOS, *revoltado* :

Ora, mamãe... e é a senhora que fala.

CAMILLA, *arrogante* :

Que é ?

CARLOS, *enfrentando-a* :

Que é !

CAMILLA

Revoltas-te contra mim ?

CARLOS

Como quer a senhora que eu proteste contra o escandalo se elle póde tornar-se maior... com a apresentação de um recibo ?

CAMILLA, *arremettendo* :

Que dizes ! ?

CARLOS

A verdade.

CAMILLA

Achas que a vendi ? (*Silencio* :) E porque não protestaste em tempo contra o lenocinio ? (*Por entre dentes* :) Porque vivias á custa dos adeartamentos que recebiamos.

SERGIO, *intervindo* :

Então...

CAMILLA

Quem sabe ! ?

SERGIO

Pelo amor de Deus... !

SCENA V

OS MESMOS E ANNA

Anna entra pela esquerda, de chale, com uma carta na mão. Delem-se procurando disfarçar o seu visivel embaraço.

CAMILLA

A senhora viu Estella, d. Anna ?

ANNA

Esteve no meu quarto até agóra.

Surpreza de todos. Os homens entreotham-se alliviados.

CAMILLA

No seu quarto ! (*Dá pela carta.*)

ANNA

Sim, senhora. Logo depois do almoço, foi para lá e ficamos conversando.

CAMILLA

Ella escreveu ? (*Carlos distancia-se.*)

ANNA, *atrapalhada* :

E'... escreveu... e eu vou botar na caixa. Parece que é para o pae, não sei.

Está aqui.

CAMILLA

Tolices. Não vale a pena, d. Anna. Estavamos justamente falando sobre isso. Estella tem genio, Carlos tambem tem: zangam-se. Eu já sei — são queixas, chora-deiras. Historia para incommodar o pobre velho. Olhe, dê-me a carta — se ella perguntar se a lançou na caixa, diga-lhe que sim.

Isso passa, eu mesma vou tratar de conciliar-os e, depois das pazes feitas, dar-lhe-ei a carta e ella comprehenderá que procedi com prudencia.

ANNA, *receiosa* :

Mas ella pedin tanto...

CAMILLA, *sorrindo* :

Deixe-a falar. Eu sei que são arrufos — passei por elles.

ANNA, *hesitante* :

Eu, a falar verdade...

CAMILLA

Fica por minha conta. Diga-lhe que a carta seguiu.

ANNA

Nessas coisas não sei mentir. A senhora veja lá ! Não quero que ella pense que fiz de proposito.

CAMILLA
Descance.
ANNA, entregando a carla :
Eu não sei... (Pensando :) E agora, como ha de ser? O melhor é fingir que sai para ella não desconfiar.

CAMILLA
Pois, sim.

SERGIO
E ella ainda está no seu quarto?

ANNA
Saíam juntas. Ella entrou... Bem, então... (Sádo) Eu não sei...
(Sá pelo fundo, tomando a direita.)

CAMILLA, lendo o subscripto da carta :
Ao pae...
ANNA, reaparecendo :
Olhe lá!

CAMILLA
Fique tranquilla. (Anna desaparece.)

SCENA VI
OS MESMOS, MENOS ANNA

SERGIO
Então? (Camilla encathe os hombros.)
Uma celeuma de levantar céos e terras e Estella no quarto da velha, a conversar. Quando eu digo...

CAMILLA
Que é que dizes?

SERGIO
Nada. (Camilla rasga o envolucro da carla:)
Que vâes fazer?

CAMILLA
O que devo, ou antes : o que devia fazer o senhor meu filho.

SERGIO
Mas não é para o pae? Que tens tu com isso?

CAMILLA
E tu?
(Põe-se a ler a carta. Sorri ás primeiras linhas; subitamente, muda-se-lhe a physionomia reflectindo uma colera viva. De novo, sorri ironica :) Ah! então não a quer? (Carrega o sobreceño, remorde os labios e conclue a leitura com um risinho perverso. Passando a carta a Sergio :) Lê. E' interessante. (Sergio põe-se a ler com serenidade ; detem-se surpreso; continúa preocupado, meneando tristemente com a cabeça.) Então? (Sergio entrega-lhe a carta.) Mostra-a a teu filho. (Sergio váe levar a carta a Carlos, que a recebe contrafeito. Logo ás primeiras linhas, irrita-se, levanta-se furioso, amarfanhando o papel.) Então? Temol-a para breve. E' um verdadeiro relatorio. Aprendeu a fazel-os com o pae. (Riso nervoso.) Está ahi tudo. Estão as minhas « negociações » ; (A Carlos :) está a tua devassidão : (A Sergio, sorrindo :) está a tua fraqueza, meu velho e, por fim, o annuncio da partida. Sáe sem destino, váe por ahi. (Ri) Por ahi, é um endereço muito vago que póde ser substituído por outro mais conhecido : o mundo. E' como lhe chamam. (Ri) Por ahi... (A Sergio :) Bem vês que se desconfiei da fuga, tinha razões para o fazer. E' que não perco de vista a minha nóra. Gostô de ver as andorinhas nos dias da arribação : são mais vivas, mais trefegas, vôm mais ageis. Ahi têm os senhores. Agora resolvam. (Os dois homens conservam-se

immovéis, resoluos. Então? (Sergio põe-se a passeiar pela sala) cabisbaixo; Carlos arre-pella os cabellos, mordicando o charuto. Camilla olha, ora um, ora outro, com um olhar cheio de desprezo. (Alliva) : Então?

SERGIO
Então, quê? Entende-te tu com ella. Vê se acabas com isto. E' mais uma vergonha, e nós já as temos de sobra, Camilla.

CAMILLA
Eu, principalmente.
SERGIO, acabrunhado :
Sim, tu... Eu sou o que se póde chamar um homem feliz, completamente feliz.
Carlos encaminha-se resolutamente para a esquerda, salla.

CAMILLA
Onde vâes?
CARLOS
Onde vou? falar á minha mulher.

CAMILLA
Assim?
CARLOS
Assim, como?
CAMILLA
Com esses ares ameaçadores...?
CARLOS

Hei de ir sorrindo, talvez...?
Fica no meio da scena, com a carla aberta na mão. Estella entra pela esquerda. Ao dar com elle, estaca. Carlos encara-a. Ella vê o envolucro no chão, adeanta-se, apanha-o e, reconhecendo-o por seu, levanta altivamente a cabeça e envolve todos no mesmo olhar de desprezo.

(Continua)

(*) E' prohibida a reprodução.

MUKDEN—TSU-SHIMA

Suas consequencias immediatas

A batalha de Mukden, pelo facto de assegurar aos nippões decidida vantagem sobre os russos, não assignala sómente ponto importante da historia do povo moscovita; maior é o seu alcance e de singular amplitude porque não se limitou a derrocar aos olhos dos asiaticos o phantasma pavoroso do omnipotente imperio dos czares; foi além, imprimindo funda modificação nas relações politicas dos dois grandes agrupamentos europeus e daquela potencia, a quem por muito tempo sorriu a «splendid isolation».

Nova victoria do Japão, e de valor mais subido, concorre, agora, com o anniquilamento da esquadra de Rodjestwensky, para dar feição diversa, da que até então offereciam, ás peças do taboleiro mundial.

Além dos desastrosos revêzes, que lucta infeliz lhe tem proporcionado, debate-se a Russia numa crise social cujas convulsões acabarão forçosamente por exgotal-a, privando-a de representar na Europa o papel preponderante que até bem pouco lhe coube-

ra, e enfraquecendo a alliança concluída com a França.

E a prova material de que a Duplice já não possui a virtude de manter o equilibrio mundial ou, por outras palavras, de fazer respeitar o *statu-quo*, está no simples facto da attitude insolita e, até certo ponto, aggressiva da Allemanha no incidente de Tanger, attitude que certamente ella não teria assumido se o triumpho tivesse corôado os esforços das armas moscovitas.

Outra consequencia da guerra russo-japoneza, e esta de investigação curiosa, é a determinação do seu alcance nas relações das duas potencias insulares, no sentido de estabelecer se a união contraída tem probabilidades de fortalecimento, ou se a sua existencia corre perigo, pela razão de ter o alludido pacto conseguido seu fim immediato, isto é, o enfraquecimento da Russia e a porta aberta para a Grã-Bretanha nas suas empresas de absorpção a norte e a oeste da India, no Thibet e no Iran.

Ora, parece-nos que a expectativa do governo inglez foi excedida, porquanto não só o Japão se revelou capaz de diminuir o prestigio de inimigo tido e havido por invencível, como até foi mais longe, inutilizando-o por largos annos.

Mas, justamente pelo facto de ter triumphado de adversario temível, continuará o Japão a prestar-se a fazer o jogo do seu alliado?

E' de presumir que este povo valente, conscio de suas forças e electrizado pelos repetidos triumphos alcançados, consentirá em tratar de novo com a Grã-Bretanha, mas no pé da mais perfeita egualdade.

Não poderá, por conseguinte, a Inglaterra representar o papel que tanto lhe sorria: o do *tertius gaudet* da fábula. E' tarde; o discipulo de hontem estudou em bôa escola e não são os resultados obtidos que hão de diminuir o seu imperialismo no nascedouro.

Em semelhante conjunctura, deve a Grã-Bretanha opinar por uma das duas hypotheses: ou renovar o tratado de alliança com os nippões, ou abster-se de novo accordo.

Na primeira hypothese, é consentir no principio do *condominiuns* chinez com o mikado ou, por outra, contentar-se de um papel secundario, assistindo de mãos atadas ao desenvolvimento do poderio japonez e accedendo á partilha do valle do Yang-tse-Kiang, o sonho dourado de Albion, com os industriosos e infatigáveis nippões, cujo pavilhão hoje domina soberano naquellas paragens.

Na segunda hypothese, é buscar outro systema de accordos, que forneça os meios efficientes para entorpecer a evolução, talvez perigosa para o futuro, de uma nação nascida de

hontem, mas cujo progresso, innegavelmente assombroso, a encoraja a lutar pelo idéal que se impoz: a Asia para os asiáticos; sendo o Japão a sua Sparta e tambem a sua Athenas.

A attenção da Inglaterra, porém, não se póde circumscrever ao Extremo-Oriente: outras questões ha que egualmente reclamam a sua vigilancia. No proprio continente europeu, um povo existe, que lhe tem movido guerra fructuosa no terreno economico e mesmo politico.

A estatistica do commercio marítimo destes ultimos trinta annos patenteia, de modo cabal, a ascensão rapida do pavilhão allemão, sendo talvez descabido o adjectivo empregado, melhor assentando «prodigioso».

Como a Inglaterra, do mesmo modo aspira a Germania ao imperio mundial; já o disse o kaiser. já o repetiram varias personalidades daquelle grande paiz, e, melhor do que as palavras, já deitaram mãos á obra os seus filhos, cujos navios sulcam todos os mares, por mais longinquos, e cujas mercadorias alcançam os mais insignificantes logarejos da China, da Africa e da Insulandia. E' esta a — Grande Allemanha — de hoje; que será a — Maior Allemanha — de amanhã!?

Não ha negar que a situação actual da Europa muito se assemelha á que apresentava em meados do seculo XVIII; uma potencia forte em terra, temível no mar, podia então disputar o sceptro do oceano ao seu detentor: hoje, o mesmo phenomeno se dá, com a unica differença que a França de Luiz XV é substituida pela Allemanha de Guilherme II. Existe ainda a questão da Austria, de magno interesse para a Allemanha, havendo oportunidade em renovar o jogo classico de um incidente no exterior para desviar a attenção da unica potencia continental capaz de obstar a absorpção do territorio austriaco até ao Adriatico. Dahi, a questão marroquina, consequencia logica do revéz de Mukden.

O accordo de 8 de abril de 1904 renovou a — *entente cordiale* — entre as duas grandes nações occidentaes, e, dando solução satisfactoria ás questões pendentes, de modo a evitar algum novo Fachoda, permittiu a previsão de uma união mais intima ainda e cujo fito seria a conservação da paz do mundo não só na Asia e na Africa como tambem na propria Europa.

Uma alliança franco-ingleza, no momento actual cheio de difficuldades e quiçá de perigos, obrigaría o Japão a adoptar politica de tendencias pacificas ao mesmo tempo que fortaleceria o prestigio europeu na Asia, bem diminuido depois da insurreição dos boxers. De resto, maior serviço viria prestar uma semelhante combinação na Europa influindo poderosamente

para a solução da crise que ameaça subvertel-a.

Já não ha um unico homem doente — e sim dois, Abd-ul-Hamid e Abd-ul-Aziz, sendo o sherife de Fez de maior importancia agóra que o sultão de Constantinopla, porque da annuencia que dér aos conselhos de certos enviados que o cercam dependerá a conservação da tranquillidade européa ou o inicio de complicações muito graves, desastrosas. Antes de romper com a França, cumpre-lhe pezar com escrupulo o procedimento das demais potencias mediterraneas e, com certeza, feito o exame com imparcialidade, ser-lhe-á licito verificar o quanto se acha isolado o seu desinteressado protector. A attitúde perfeitamente correcta da Italia, compromettendo-se de modo formal a reconhecer a supremacia da Republica Franceza em Marrocos em troca de liberdade ampla na Tripolitana, e o estreitamento das relações franco-hespanholas indicam a imminencia de dois factos: a dissolução da Triplíce e o esboço de uma nova combinação politica na qual deverão representar papel proeminente os dois grandes povos que a Mancha separa.

Taes são as conjecturas que o momento nos suggere: oxalá não venha o factor, appellidado de *alteza* pelo grande Frederico, illudir as esperanças dos povos e aniquilar os planos dos responsaveis pelo progresso e bem estar do mundo.

GASTÃO RUCH.

PAGINAS ESQUECIDAS

MINHA BARCA!

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir que é tão profundo,
A solidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embóra
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
As solidões, o ermo, a paz.

Dá-me a paz, que entre os humanos
Chamo em vão, e em vão desejo;
Onde busco e nunca vejo
O que pede o coração;
Onde espiam nos meus olhos
Um segredo, um sentimento;
E um ouvido ha sempre attento...
Barca, dá-me a solidão!

Próa ao mar, e o rumo á sorte,
Minha barca airosa e bella!
Venha o sul! venha a procella!
Que te importa o temporal?
Sobe ás vagas! desce! vôa!
Rasga a véla! quebra o leme!
Coração triste não teme
Escarceós, nem vendaval!

Adeus, praias! adeus, familia!
Adeus, prados! adeus, relvas!
Adeus, canticos das selvas!
Adeus, rosas dos salões!
Minha barca, solta e livre
Como a rosa destroncada,
Váe contente, acalentada
Entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura,
Ao fugir do mundo ás maguas,
Vosso abysmo, ó fundas aguas?!
Quem patenteia o martyr? quem?!
E, se um vento bouançoso
Me encontrar sósinho e absorto,
E levar a barca a um porto,
Quem me acolhe allí? — ninguém!...

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir que é tão profundo,
A solidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embóra
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
A solidão... a morte em paz!...

THOMAZ RIBEIRO.

*
**

MANA MINDUCA

Bella carta! «Volto afinal... Espera-me; irei hoje...» Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. «Volto, afinal...» Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel; soffria acaso da duvida de que aquella não fósse a sua lettra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... Dahi, em doze annos, a gente muda de lettra. Valha-me Nossa Senhora! O moleque esperava, timido, amarrotando o chapéo entre as mãos.

Bem dita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle; o córte daquelle *t*, os *ll*... «Volto afinal...» Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agóra tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze annos lhe fallam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vissem-na agóra! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Si alguém houvesse, que fósse passando pela rua, que surpresa não haveria de ter quando visse que elia abria as janellas. Abriuas todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze annos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriuas de par em par. Debruçou-se bem para fóra, cantarolando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no

chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dôres!

— Tá intrégue?

O amo que fôsse ficaria para allí, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente. «Volto, afinal...»

E aquelle «afinal» dizia bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim!... Mana Minduca deixava-se levar á tôa. Chegou a pensar que aquillo já se ia demorando muito. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe; quasi parou, até... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz; os olhos della achavam sempre um par de olhos que iam em sua presença.

Doces, bemaventurados olhos! Não unicamente os della; os de ambos. Os delle então, foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os viu. Attenta bem no modo por que ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá váe outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, áquelles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. «Anda mais depressa...» — recomendaram. Era o pae. Ella disse que sim: — «Sim, senhor». E voltou a cabeça para o lado do lampião. Dahi por deante, andou ainda mais devagar.

— Tá intrégue?

— Ah! diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouviu?

O moleque batia longe. Deitára a correr pela rua do Riachuelo acima. Em pouco, já se não o avistava. Mana Minduca ficou á janella; os olhos vagavam-lhe ao longe. Si elle não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revel-o bem. Que figura teria elle agóra? Ha doze annos era magrinho, com um pequeno buço, mas em doze annos a gente muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio. E elle volta de lá bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso.

E' muito tempo, mas ha tanta contrariedade, annos perdidos, molestias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram sem diploma. Um visinho, para amostra — o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo, e veio com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, á entrada da casa, num quadro assim:

CAMPOS LUSTOSA Advogado

Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, numa chapa escura, com lettras pintadas a ouro... Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca! «O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros Lustosa participam a v. s. o seu casamento...»

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-no agóra á mão. Vejam com que delicia ella lhe repete o nome, e como o espirito se lhe não afasta das participações de casamento. Dr. Campos Lustosa. «O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros...» Ahi a dificuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Frederico Vianna de Barros: Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E eil-a que sonha já com os seus cartões de visita — lilaz, doirado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minusculo — «Carminda Vianna de Barros Lustosa.»

Volta, afinal! Doida era ella que se não preparava para recebê-lo. E Mana Minduca correu para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Trez vezes saíu prompta. O espelho, porém, gritava-lhe que já se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabellos, soltou-os, trançou-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veio para a janella.

Veio para a janella. Santa de que ella é devota, poupae-lhe a dôr de ficar allí eternamente a esperal-o... Fóra,

ia caíndo a noite. Mana Minduca debruçou-se quasi toda para as trévas; interrogava o fim da rua, longe. Ninguém; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atráz delle iam ficando accessos os lampiões de gaz... O frio augmentava sempre; frio de junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguio alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janella. O homem apoiára-se a um lampião; alguém, perto, dizia-lhe qualquer coisa. Agóra, eil-o que mettia a mão no bolso, tirou um objecto, deu-o. O outro desapareceu, a correr. Em pouco já se não avistava. E o homem aproximou-se. Talvez fôsse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. Mana Minduca teve vontade de saír da janella. Antes saísse! Mas ficou.

O homem aproximou-se. Quem quer que fôsse com certeza que andava á procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Invalidos. Depois, veio, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o quer que era. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adeante, e voltou.

Agóra, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéo. Que diabo quereria elle? O homem murmurava alguma coisa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvil-o.

— O sr. Vianna de Barros?

— E' papae; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! E agóra o rosto delle tomava uma expressão de piedade:

— E... É uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— É uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! E' a senhora?

E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota, dizei-lhe que esse que ahi está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéo:

—Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrimas envelhecem a gente. Nessa que ali ficou á janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? O tempo enchen-lhe a face de rugas. Perfido tempo! A elle a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze annos. Vejam como o Lustosa lá váe, a toda pressa, á procura do bond. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não sabe quem elle é, não comprehende nada. Espera sempre, como na vespera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce como ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

PEDRO RABELLO.

— — — — —
O ALMIRANTE (34)

— — — — —
ROMANCE POR DOMINGOS OLIVPIO

— — — — —
CAPITULO XVI

D. Eugenia ficou contemplando o marido e a filha, que se afastavam lentamente.

— Fôram duramente castigados — murmurou ella — pelo desprezo dos teus conselhos. Se te ouvissem, se attendessem ás tuas sabias previsões...

E saíu para o parque, num passeio sem ruído, marchando como um automato, toda absorvida pela preocupação da necessidade de remodelar a vida de familia, subordinada aos escassos meios daquella situação embaraçosa. naquella quadra muito difficil, porque era indispensavel não decaír do posto conquistado na sociedade, conservar os habitos de bem estar, as relações da gente abastada na roda elegante e nobre, onde poderia encontrar allianças condignas das filhas. Para isso, bastaria a posição official do conselheiro, a importancia da alta funcção que elle exercia junto da familia imperial, immerso nos esplendores do throno. Estes, porém, se tinham subitamente eclipsado, e d. Eugenia sentia, pela primeira vez, a triste impressão da obscuridade, a magua de se ver, com o marido, com as trez filhas, annullada na promiscuidade desprezivel. Sem o prestigio official, o conselheiro seria uma reliquia veneravel de um passado detestado, ou um dos multiplos instrumentos da realeza, um servo da casa imperial, envelhecido no servilismo, sem utilidade, sem capacidade para se

adaptar ao novo regimen, ás suas praticas demagogicas.

Nenhum desses estadistas, subitamente elevados ao governo da Nação, poderia confiar nos servidores do antigo regimen, os quaes, por um natural impulso de pudor, se absteriam de, por qualquer modo, manifestar tendencias de aposthasia ás crenças, ás idéas do regimen extincto. Seria isso uma cobardia; seria, pelo menos, uma fraqueza de character incompatible com os precedentes honrosos do conselheiro, amigo particular do Imperador, considerado um dos mentores intimos, solidario, pela responsabilidade moral, com as mais decisivas, as mais graves soluções dos problemas do governo.

Seria ridiculo allegar, depois do tremendo desastre, que elle fôra sempre um liberal, homem de idéas nobres e avançadas, propugnador de reformas que seriam os mais fortes elementos de perpetuação da dynastia. Pareceria uma interesseira manobra revelar que o honrado velho fôra sempre um vencido pela cegueira dos aulicos, pela desmarcada confiança do Imperador nos seus processos politicos, na sua popularidade de monarcha, bem amado pelo povo, na sua competencia de homem de sciencia, com reputação universal. Ninguem acreditaria no desdém com que eram recebidos os conselhos de um homem, cuja capacidade se exhibira, tanta vez, nos archivos do Instituto Historico com raras qualidades de erudito, abordando os assumptos mais transcendentales.

Identificado com a monarchia, o conselheiro, innocente dos seus erros, dos seus crimes, da sua inepecia, seria victimado pela condemnação que a fulminára e padeceria todas as consequencias da victoria republicana, como um nobre resignado.

D. Eugenia seguia, insensivelmente, pelas alamedas frondosas, illuminadas pelo Sol em plena ascensão; internava-se nas ogivas do bambual espesso; ladeava os canteiros de rosas, humidas de orvalho, arrastada pela idéa fixada, como um carvão ardente, no seu cerebro de mãe e de esposa, a idéa da pobreza inevitavel, da decadencia, da obscuridade, e se lhe figurava deslizar lentamente por um declive, cujo termo ella não ousava prever. Procurava, em vão, o consolo da resignação; não se podia conformar a essa cruel injustiça da sorte; e concentrava-se numa esperanza fugidia de ser salva pela intervenção de um poder sobrenatural, pela superveniencia providencial do milagre, que é o derradeiro refugio dos desesperados: estava irremediavelmente perdida; estavam burlados todos os seus projectos, todos os seus planos de conquista de uma velhice socegada e feliz.

Aos sobresaltos da sua ternura de mãe se ajuntavam os vexames impostos ao seu orgulho de mulher pela mudança violenta da sua posição social. Previa os retraimentos de amigos poderosos, da politica e da alta finança, para os quaes um alto funcionario do paço se tornára instrumento imprestavel; não era mais a chave das portas das relações preciosas; antepungia-lhe a injuria do desdém das amigas, que o dinheiro conservaria fluctuantes á tona, passada a convulsão da tormenta revolucionaria; presuetia os dardos dos olhares sobranceiros ou indifferentes, nos quaes se apagára o doce fulgor da gratidão; apertava-se-lhe o coração á idéa de ser acolhida, nas regiões aristocraticas onde brilhára como astro de primeira grandeza, com maneiras de misericordia, de complacencia humilhante, de piedade superior, em fórmula de commiserção projectando-se, como irradiações da generosidade, sobre o infortunio alheio para destacal-o, nitido, em todas as suas minucias dolorosas.

Vinha-lhe á mente, entre muitas outras, a baroneza de Freicho, mulher vulgar, ave de terreiro, que ella guindára ás alturas das aguias do escól da sociedade fluminense. Estava a adivinhar as suas esquivanças do primeiro encontro, toda compungida em exhibições de condolencias hypocritas, em falaciosos pezares, sublinhadas dessa imperceptivel ironia, que é o veneno do orgulho das mulheres futeis. Assim seriam todas as outras, que mais á vontade se achariam no regimen democratico, libertadas das superioridades esmecedoras da raça, da educação, dos precedentes honrosos e veneraveis.

Atormentada por essas cogitações exaggeradas pela sua susceptibilidade, d. Eugenia regressou ao palacio, procurando nos recessos da sua argucia o meio de conjurar a crise, que ella deveria a todo o transe vencer.

Encontrou a marqueza envolta num amplo roupão, enfeitado das custosas rendas de sua predilecção, recostada num pequenino sofá, a ouvir de Hortencia a leitura dos jornaes. Doirando o admiravel grupo, o Sol invadira a magnifica ante-camara pelas janellas amplamente abertas, e punha num relevo commovedor as duas mulheres, a doente e a enfermeira: uma, cheia de seiva, exuberante de graça e de belleza; outra, de rosto macilento, a bella fronte corôada da madeixas crespas, rapidamente encanecidas, os olhos engastados, como diamantes negros, nas orbitas lividas.

A marqueza deixára o leito como quem desperta do prolongado somno normal, sem vestigios da crise que a prostrára. Ergueu-se, beijou ternamente as faces rubras de Hortencia e pediu-lhe que abrisse as janellas: es-

tava fatigada do ambiente escuro; necessitava de ar, de luz, para se restaurar, completamente, na posse de si mesma, dos seus habitos elegantes, como se lhe não houvesse perturbado o coração e o espirito a dura impressão que a fulminára.

— Muito bem, muito bem, Guilhinha — disse-lhe Hortencia, amimando-lhe o rosto — Como se sente?

— Bôa, completamente bôa, — respondeu-lhe a marquiza, com um melancolico sorriso — Eu te agradeço de coração, filha, o carinho com que me trataste. Que é do Oscar?...

— Oscar?... Não voltou ainda...

A marquiza fez um ligeiro gesto de impaciencia.

— Não se assuste — acudiu Hortencia — que não corre perigo.

— Desejo que me tragas os jornaes.

— Os jornaes? — inquiriu a moça, hesitante.

— Não tenhas receio. Previ tudo, como se assistisse, em sonho interminavel, ás scenas dolorosas destes dias. Eu não vivi estes dois dias; quero encher essa escura lacuna aberta na minha vida. O repouso restaurou-me as energias abaladas; nada sintó, sou forte e estou habituada aos mais crueis revêzes da sorte. Vamos, lê-me os jornaes, as noticias minuciosas: é preciso que nada me occultes.

Hortencia obedeceu; foi procurar os jornaes e voltou num instante e encheu a leitura.

A marquiza ouviu, impassivel, até um artigo intitulado — *Uma noite historica*, no qual o jornalista marcava, com um tom impressivo e doloroso, a descripção da partida da familia imperial.

Hortencia lia com vóz tremula de commoção:

«E' a lancha do Imperador! pensavam os que viam com a oppressão natural, que devia provocar aquelle annuncio da imminencia de um grande perigo.»

«Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fôsse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarcha deposto, a anciedade de perceber o movimento significativo, no portão do paço, prolongou, indefinidamente, a duração desta expectativa. O profundo silencio do logar pareceu fazer-se maior, nessa occasião, como si a noite comprehendesse que se ía, allí mesmo, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder do freio dos corceis de cavallaria, em recantos afastados. Frouxamente clareados pela illuminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz

nas janellas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saúde.»

«Apezar disso, que se acreditaria indicar completa ausencia de espectadores para a scena que se ía passar, muitas janellas abertas appareciam, como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros...»

«Em homenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminção de um soberano.»

«A's trez horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço, houve um ruidoso tumulto de armas e cavallos. As patrulhas, que passeavam de ronda, retiraram-se todas a occupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das arvores, illuminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancolicos dos lampeões de gaz.»

«Appareceu então o prestito dos exilados.»

«Nada mais triste. Um coche negro puxado a passo por dois cavallos, que se adeantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando! A' frente, duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véos, como a buscar caminho para o triste vehiculo. Fechando a marcha, ia um grupo de cavalleiros que a perspectiva noturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente sobre o grupo os pennachos vermelhos das barretinas de cavallaria.»

«O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do cães do Pharoux. Ao approximar-se do cães, apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formaram em caminho.»

«— E' aqui o embarque? — perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos militares. O cavalleiro que parecia um official, respondeu com um gesto largo de braço e uma attenciosa inclinação do corpo.»

«Por meio dos lampeões que la deixam a entrada do molhe, passaram as senhoras. Seguiu-se o coche fechado.»

«Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o sr. d. Pedro de Alcantara apeiou-se, um vulto distincto, entre outros vultos distantes, para pisar pela ultima vez a terra da Patria.»

«Do posto de observação em que nos achavamos, com a difficuldade da noite escura, não podemos distinguir a scena do embraque.»

«Foi rapido, entretanto. Dentro em poucos minutos, ouvia-se um ligeiro apito; echoava no mar o rumor egual do helice da lancha; reapare-

cia o clarão da illuminação interior do banco; e, sem que se podesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruido do helice e o clarão vermelho afastaram-se da terra...»

A leitura expirou como um suspiro maguado. Hortencia fitou a marquiza, cujos olhos, muito abertos, pareciam despedir scentelhas de concentrada colera.

— Uma infamia — exclamou ella, erguendo-se.

(Continúa)

SCIENCIA E INDUSTRIA

O ACIDO FORMICO—O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS MUSCULARES—O ELIXIR DE LÉMERY SEGUNDO O DR. CLÉMENT.

Nunca é prudente ridiculisar os processos antigos em todos os ramos dos conhecimentos humanos, especialmente da therapeutica dos antigos.

A' maneira dos curandeiros, nós tratámos as fracturas com massagens; tratámos, como os feiticeiros antigos, a albuminuria com infusões de rhim de porco; a neurasthemia com injeccões de extracto de medúla ou de cerebro de carneiro. E os nossos medicos modernos estão, agóra, prescutando as receitas secretas dos nossos tetravós.

Nos ultimos seculos, encontrava-se em todas as pharmacias, um preparado famoso, de enorme voga — o elixir da magnanimidade de Hoffmann, o qual curava todas as molestias e produzia maravilhas nos vapores, nas flatulencias, nas perturbações estomachicas. Era preparado com formigas maceradas em espirito de vinho.

—Tomae—dizia o velho Lémery—dois punhados de formigas e uma meia garrafa de espirito de vinho; deixa-os em digestão num vaso bem fechado até que a putrefacção as reduza a licôr. Distillae depois em banho-maria e perfumae com licôr de canella.»

Ninguem tomaria hoje esse elixir; mas um medico de Lyão, o dr. Clément, teve a curiosidade de investigar o que havia no fundo desse preparado e pensou no acido formico. Tomando oito a dez gottas desse acido num liquido alcalino, pôde notar, em si mesmo, factos muito curiosos.

O primeiro effeito observado foi uma especie de excitação do systema nervoso, que incita ao movimento. A marcha, a ascensão, a montanhas, a natação e esgrima, se tornaram mais faceis com ligeiro esforço. Ha visivel augmento de energia e força muscular, não em sensações objectivas, mas em factos reaes evidenciados pelo dynamometro.

Em experiencias feitas sobre varios individuos, o dr. Clément pôde con-

statar que alguns que não podiam fazer passar a agulha do dynamometro além de 40 ou 50, chegavam, no fim de alguns dias de uso do acido formico, a 56, 58 e 60. Em doentes de affecções diversas, muito pouco vigorosos, obteve os mesmos resultados.

Nas experiencias feitas com o ergographo, instrumento para medir a fadiga, os resultados não fôram menos concludentes.

O dr. Huchard, continuador recente das experiencias do dr. Clément, confirmou aquelles resultados. O poder muscular augmenta, rapidamente, após as primeiras dozes do medicamento; de 9 kilogrammetros, antes do uso do formiato, elle obtinha 20 e mesmo 30 no quinto dia.

E' preferivel tomar os saes alcalinos em vez do acido, que irrita o estomago.

O acido formico actúa activando as trócas musculares, e, embóra, como pensa o dr. Huchard, determine uma certa anesthesia muscular, uma diminuição da sensação de fadiga, a sua acção real está completamente demonstrada.

E assim temos o acido formico, nesta epocha de sports excessivos, promovido, para os debeis, ás honras de um tonico muscular.

O dr. Adolphe Cartaz, de quem tomámos esta noticia, affirma que um dos seus jovens collegas de collegio, tinha o singular costume de comer a trazeira de formigas, encontrando nesse petisco um gosto delicioso. Isso que elle considerava, então, uma depravação, era, talvez por instincto ou atavismo, uma utilização das propriedades estimulantes do acido formico.

Os matutos do norte, os indios têm o habito de comer formigas. O bojudo ventre das tanajuras é de um sabor exquisito.

Uma das demonstrações mais eloquentes dos effeitos do acido formico, é a força prodigiosa dos tamanduás, que se nutrem exclusivamente de formigas.

THEZOUROS DE JESUITAS

Refere o conego João Pedro Gayna *Historia da Republica do Paraguay*, que os padres das Missões obedeceram, em 1768, com docilidade ás ordens do governador Bucareli, porque não supunham que a sua *expulsão das reduções fôsse tão seria nem que fôsse duradoura*.

Em uma allocução feita por um jesuita, no momento da partida, aos neophytos reunidos em S. Nicolau, lhes foi recommendado: «Já por duas vezes nós arrancaram do meio de vós, porém Nosso Senhor logo nos restabeleceu em nossos povos junto de vós.

Sim, brevemente tornaremos a voltar, porém guardai-vos bem durante nossa ausencia *de descobrir os segredos e os thezouros* de S. Nicoláu e de vossos padres. Os outros não vos querem e gastariam todos vossos thezouros se soubessem delles. Antes morrer do que descobrir os *segredos e os thezouros* de S. Nicoláu e dos padres, porque essa morte será premiada pela felicidade eterna.»

Reprodúz depois a seguinte narrativa do indio Christoval:

«Na noite anterior á saída do cura e do seu sacristão-piá, o cura e o seu companheiro depois da ceia chamaram os seus sacristães e com os seus lenços lhes tapavam cuidadosamente os olhos e os ouvidos. Fizeram-os então, durante varias horas, carregar caixas pezadas, com as quaes desceram degraus como quem ia á quinta, e depois lhes fizeram dar varias voltas com as mesmas caixas, para que os sacristães não podessem conhecer o rumo do caminho que levavam. Fizeram em seguida passar os mesmos piás um do lado de dentro, outro do lado de fóra do aposento onde tinham carregado as caixas, e neste intervallo ouviram elles socar terra, e ao fim de algum tempo tendo parado o rumor, o primeiro piá impaciente destapou um pouco os olhos e os ouvidos e disse devagarinho para o seu companheiro, que ouvia gemer um indio, que lhe parecia ser o cosinheiro, que morria enforcado em presença dos padres. Ao depois, fôram chamados os piás para socarem tambem terra. O que feito, fôram levados para os seus aposentos, e na madrugada da mesma noite partiu o padre cura com o seu sacristão, sem que nunca mais o indio narrador tivesse noticia delles. Pela manhã, tinha desaparecido o cosinheiro. De tarde, o padre companheiro mandou o seu sacristão Christoval que fôsse pedir a benção a seu pai, para partir na noite seguinte com elle.»

«Mas o piá assustado fugiu para o monte onde se conservou mais de um mez até que soube que havia no povo corregedor castelhano.»

«Dizia, pois, Christoval que elle tinha ajudado a esconder os thezouros dos padres jesuitas de S. João; que está certo que elles se achavam na quinta dos mesmos jesuitas.»

Como aconteceu nas Missões, é provavel que os padres da companhia julgassem de pouca duração a sua ausencia. Contavam com os grandes recursos de influencia e de dinheiro para serem restaurados nos seus vastos dominios da America do Sul. E' portanto, provavel que, no presupposto de proxima volta, não levassem os thezouros, e os escondessem em logares seguros eliminando todos os testemunhos dos esconderijos.

E tanta confiança tinham no seu

prestigio que pensavam, em 1767, em volver ás Missões, apesar do exemplo de expulsão de Portugal e suas colonias em 1759.

Não é provavel que tenham levado os seus thezouros, porque foi muito sévera a arrecadação dos bens que fôram encontrados, como se verifica de documentos officiaes, já publicados no Brazil e de um livro de Domingos Bravo, no qual se encontram as minucias da arrecadação feita por Bucareli y Ursua, um inventario no qual foi mencionado até a roupa do corpo dos padres exilados.

APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

SEABRA, (José Joaquim) operoso ministro da Justiça, cognominado o Constructor... E' effectivamente o mais digno representante do Governo das Fachadas, emulo do não menos operoso sr. Muller—a cujo *abre-te Sezamo*, vão surgindo os palacios-remendos com que se pretende fazer da avenida Central a primeira do mundo. O illustre sr. José Joaquim, na esphera do seu ministerio, vae tambem movendo o braço do extraordinario engenheiro remendão que o auxilia. Os carcomidos pardieiros, dentro dos quaes medram indolentemente os Negocios Interiores, a Justiça e a Instrução Publica, se transformam, de subito, como num pezadello, nessas obras primas de estylo safardana, cujos soberbos padrões são a Polytechnica e a Côte de Appellação... Para o Largo de S. Francisco mudou-se uma pedreira toda, negocio excellente, a tentar o cavouqueiro que houver de arrazar aquillo mais tarde, e no casarão da rua do Lavradio o Ministro Architecto quiz tambem provar que pôde fazer *modern style*: como motivo decorativo, aquella colossal tampa de barrica é bem achada, é digna da Justiça e do seu Ministro.

O sr. José Joaquim mostra-se, ao mesmo tempo, o provado homem de pulso deste Governo forte, ora expedindo funestos regulamentos inquisitoriaes, que se não executam nunca, mas ficam de pé, irrevogaveis e esquecidos, ora mostrando-se, nas noites de Pavor, o menos medroso, e o mais duro na vindicta. E' com profundo conhecimento de causa que o nosso Marquez de Pombal domina uma Insurreição, pois ninguem mellhor do que elle, sabe como se põe de pernas para o ar esta mal assentada Ordem Publica do Brazil.

* *

AZEVEDO, (Arthur) natural de Athenas, poeta, prosador, comediographo,

revistographo, critico litterario, critico theatral e critico d'arte, de que é colleccionador apaixonado.

Poeta, lembramo-nos da sua amavel inspiração, que ainda hoje manipula as doiradas pilulas metricas de *Gavroche*. *Conteur* e chronista, escreveu graciosos contos e chistosas chronicas. Comediographo e revistographo, fez o *Amor por Annexins*, e uma groza de revistas d'anno, todas amadas do publico, que hesita entre ellas e o *Abacaxi* do sr. Vicente Reis. E' um critico sempre gentil, protege com carinho os nossos genios que surgem—é o Sarcey brasileiro, nem o *embonpoint* lhe falta. Entretanto, estranha coisa! os nephelibatas não o supportam, sem que o bondoso sr. Azevedo lhes tenha jámais feito mal.

Atravéz da sua paixão de colleccionador de obras d'arte, adivinha-se uma fina sensibilidade de contemplativo e uma requintada intelligencia, que as applaudidas revistas theatraes não pôdem deixar perceber. E' um sincero patriota, além de tão boa pessoa. A sua preocupação incessante do renascimento do theatro nacional, é digno de admiração: A sua fé no remodelamento da scena brasileira é immensa, e nós comungamos nella: presentimos que nos será dado em breve assistir, entre as muralhas grandiosas do grandioso Theatro Municipal, representada por uma grande companhia brasileira, uma grande peça nacional—*O Badejo*...

PEDRO INNOCENCIO.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestres d'OS ANNAES.

DIVERSÕES

XADREZ

Origem e historico. — O dr. Duncan Forbes, na sua obra *The History of Chess* (Londres, 1860) projectou um fôco luminoso sobre a verdadeira origem do xadrez. A India mysteriosa dos antigos Brahmanes foi o seu berço incontestavel. Sabe-se quanto a India viveu arredada do convívio universal durante muitos seculos. Todos os mysterios da sua religião, dos seus ritos, eram completamente vedados a estrangeiros. Só moderadamente esses mysterios fôram desvelados. Foi assim conhecida a litteratura indica, em que avultam os Vedas, livros sagrados, que contém os preceitos da sua religião, os Pauranas, o Ramayana e o Mahabharata, poemas historicos. Ora, no Bhavishya Paurana, ha trechos que se referem ao xadrez, e que mostram claramente que elle já era conhecido 3.000 annos antes da era christã. A chapa da *noite dos tempos* nunca teria mais exacta applicação do que a essa remotissima origem.

Na sua fórmula primitiva, o jogo do xadrez era realmente um jogo, a que não faltava

mesmo o dado e se chamava *Chaturanga*, que significa: *chatur*, quatro; *anga*, um membro. Assim se denominava um exercito composto de quatro especies de forças, infantaria, cavallaria, elephantes e navios. O taboleiro tinha, como hoje, 64 casas; mas eram quatro os jogadores, cada um com 4 piões, um rei, um cavallo, um elephante e um navio. As peças de cada jogador tinham côr differente das dos outros e eram collocadas nos quatro angulos do taboleiros.

Os jogadores das peças verdes e pretas eram alliados; assim como os das amarellas e vermelhas. O elephante é a torre de hoje e o navio — o bispo. Os lances eram determinados a dado; conforme o numero, o jogador era forçado a mover uma ou outra das peças. O rei se movia, como actualmente, mas não havia o roque. O pião não tinha o movimento inicial de 2 casas. O elephante podia mover-se como a torre. O cavallo tinha exactamente a marcha que ainda tem. O navio, que é hoje o bispo, tinha a sua marcha restricta a duas casas em diagonal. Em certos momentos da batalha um dos reis alliados assumia o commando supremo das forças. Eis ali resumidamente o que foi o xadrez na sua fórmula primitiva, que conservou durante uns 4.000 annos, até ao 6º seculo da era christã. Veremos as suas transformações successivas.

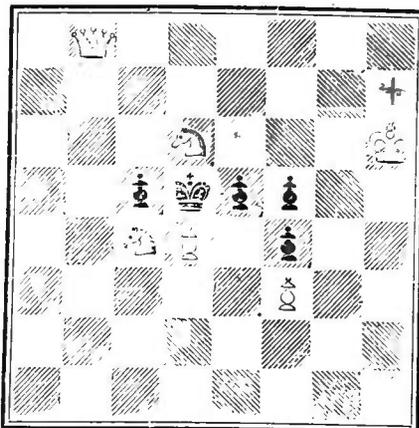
* *

François André Danican Philidor, de quem publicamos hoje uma partida, jogada, simultaneamente com mais duas, *sem ver os taboleiros*, fulgurou no seu seculo sem competidor, e com tal intensidade, que ainda hoje os mestres vão aprender nas suas lições grandes ensinamentos. A sua theoria está effectivamente atrazada, mas elle marcou uma epocha memoravel na historia do xadrez. Nasceu em Dreux, a 7 de setembro de 1726 e morreu em Londres a 3 de setembro de 1795. Era compositor musical de grande merito, mas a sua fama universal é a de enxadrista. Publicou uma *Analyse do xadrez*, que, se, como dissemos, não pôde hoje ser aceita em todos os pontos, é um admiravel documento da sua lucidez e maravilhosa perspicacia, principalmente nos fins de partida. Ainda não teve rival no manejo dos piões. As suas partidas são modelos de estratégia. Jogava até trez partidas simultaneas, sem ver os taboleiros, e ainda dava partido, como na que váe em seguida. No prefacio da segunda edição da sua obra, elle diz: «Creio ter aperfeiçoado a theoria de um jogo que muitos auctores celebres, taes como Leibnitz, tratam de sciencia.» E esse serviço é tão real, que lhe valeu a immortalidade.

PROBLEMA Nº 4

Luiz Soares

PRETAS (5)



BRANÇAS (6)

Mate em trez lances

PARTIDA Nº 4

IRREGULAR

(Philidor joga trez partidas simultaneas sem ver os taboleiros e dá o partido do PBR e do lance.)

Branças		Pretas	
(Leycester)		(Philidor)	
P 4 R	— 1 —	P 4 B D	
D 5 T R (x)	— 2 —	P 3 C R	
D X P B	— 3 —	C 3 B D	
P 3 B D	— 4 —	P 4 R	
D 3 R	— 5 —	C 3 B R	
P 3 T R	— 6 —	P 4 D	
P X P D	— 7 —	C X P D	
D 2 R	— 8 —	C 5 B R	
D 3 B R	— 9 —	B 3 T R	
B 5 C D	— 10 —	Roque T'R	
D 4 R	— 11 —	B 4 B R	
D 4 B D (x)	— 12 —	R 1 T R	
D 1 B R	— 13 —	B 6 D!!	
B X B D	— 14 —	C X B R (x)	
R 2 R	— 15 —	T X P B (x)	
D X T R	— 16 —	C X D	
R X C	— 17 —	D 6 D	
C 2 R	— 18 —	T 1 B R (x)	
R 1 R	— 19 —	P 5 R	
T 1 B R	— 20 —	T X T (x)	
R X T	— 21 —	D 7 B D	
R 1 R	— 22 —	C 4 R	
C 3 T D	— 23 —	C 6 D (x)	
R 1 B	— 24 —	D 8 D (mate.)	

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 3: 1—D 1 T, P move-se (a.); 2—R 2 R, *ad libitum*; 3—D 4 T ou R 3 C mate; (a) 1..., R 5 C; 2—R 2 C, *ad libitum*; 3—D 3 ou 4 T (mate).

* *

Sr. Tacito. — E' com muito prazer que publicaremos os problemas que nos enviarem os nossos leitores.

JOSÉ GETULIO.

Contamos que o *kaiser*, na sua primeira viagem á capital da Italia, disse que tinha vontade de offerecer á cidade eterna uma estatua do creador do *Fausto*. Os italianos, como é natural, cantaram muitos agradecimentos. O imperador ficou mais entusiasmado. Tanto mais entusiasmado quanto elle mesmo deseihou o projecto, mandou executar-o pelo escultor que elle consagrou, com a mesma sentença com que consagrou Zola; remetteu a estatua para Roma, ao mesmo tempo que remetteu o recado de querer, elle proprio, inaugurar o monumento sobre... o Pincio!

— Menos ali — resmungaram os italianos — Que o Pincio é o asylo das glorias nacionaes e, demais, é o logar donde melhor se contempla o pôr do Sol, e, em ultima analyse, Goethe, que morreu pedindo luz, não quereria ver pôr de Sol.

Os italianos, de resto, não gostaram da estatua, uma coisa complicada, nebulosa, sem harmonia, sem juizo — nephelibata — como diriamos ha poucos annos. O *kaiser* damnou-se. Era uma desfeita. Napoleão e Valadier estavam lá. Um era Napoleão e o outro era o auctor do terraço do Pincio. Dois francezes; era demais. Quizeram contental-o: deram-lhe a Villa Borgliese para a festa. Não quiz; estava emperrado. Guilherme voltou á Alemanha, e a colonia allemã, em Roma, fez a inauguração, clandestina, da estatua, onde se lê:

A' cidade de Roma, Guilherme, imperador allemão.

O *kaiser* váe ter tambem estatua. E' em Rominten, onde elle gosta de caçar.

O auctor é Pfretzschner, que fará, no bronze, o imperador, em traje a caracter, contemplar um javali,—o que elle feriu, ultimamente, com dois golpes de alabarda.

SYSTEMAS DE NUMERAÇÃO

MUDANÇA DE BASE

2º processo

19—O segundo processo, tão logico quanto o primeiro, é de uma execução muito mais simples. Vamos determinar os algarismos das ordens do numero na nova base, começando pelas ordens inferiores.

20—Dividamos o numero dado por b' , base do novo systema. O quociente desta divisão indicará quantas vezes a base se contém no numero dado e por consequencia o numero de unidades de segunda ordem que esse numero encerra. Quanto ao resto da divisão, que é naturalmente inferior á base, por ser esta o divisor, representa unidades de primeira ordem.

E teremos, indicando os calculos:

$$\frac{N}{b'} = q + \frac{r}{b'}$$

Donde :

$$N = b' q + r$$

21—Dividamos novamente pela base b' o quociente q , que representa, como vimos, unidades de segunda ordem.

O quociente da divisão indicará quantas vezes b' se contém em q e representará, portanto, unidades de terceira ordem, porque isso equivale a determinar quantas vezes o quadrado da nova base se contém em N . $\left(\frac{N}{b'} \div b'\right)$ O resto, da mesma especie que o dividendo, representará unidades de segunda ordem.

Assim :

$$\frac{q}{b'} = q_1 + \frac{r_1}{b'}$$

Donde :

$$q = b' q_1 + r_1$$

E substituindo este ultimô valor de q na egualdade anterior do n. 20, vem :

$$N = b' (b' q_1 + r_1) + r$$

Ou :

$$N = b'^2 q_1 + b' r_1 + r$$

Pelas mesmas razões:

$$\frac{q_1}{b'} = q_2 + \frac{r_2}{b'}$$

Donde:

$$q_1 = b' q_2 + r_2$$

E:

$$N = b'^2 (b' q_2 + r_2) + b' r_1 + r$$

$$N = b'^3 q_2 + b'^2 r_2 + b' r_1 + r$$

E as divisões vão se succedendo, até apparecer um quociente inferior a b' , o qual indicará o algarismo da mais alta ordem do numero na nova base.

22 — Chegaremos por fim á seguinte fórmula geral:

$$N = b' \left(b' \left(b' \dots \left(q_m b' + r_m \right) + \dots r_2 \right) + r_1 \right) + r \quad (1)$$

Ou :

$$N = b'^{m+1} q_m + b'^m r_m + b'^{m-1} r_{m-1} + \dots$$

$$+ b'^2 r_2 + b' r_1 + r \quad (2)$$

$$N = 10^{m+1} q_m + 10^m r_m + 10^{m-1} r_{m-1} + \dots$$

$$+ 10^2 r_2 + 10 r_1 + r \quad (3)$$

$$N = q_m r_m r_{m-1} r_{m-2} \dots r_2 r_1 r \quad (4)$$

Ou, finalmente, tornando a fórmula symetrica (vide infra nota a) :

$$N = r_m + r_{m-1} r_m + r_{m-2} r_{m-1} r_m + \dots r_2 r_1 r \quad (5)$$

23 — EXEMPLO : Seja o mesmo numero 423, do exemplo já dado, que queremos mudar do systema de base seis para o de cinco.

Dividamos 423 por 5, effectuando as operações na base seis :

$$\begin{array}{r|l} 423 & 5 \\ 41 & \cdot 51 \\ \hline 13 & \\ (+) & \end{array}$$

$$423 = 5 \times 51 + 4$$

Em 423 ha 51 unidades de segunda ordem quinary e 4 de primeira.

Vejamos agora quantas unidades de ordem immediatamente superior ha em 51, que se compõe de unidades de segunda ordem. Isto é : vejamos quantas unidades de terceira ordem ha em 51, para o que basta dividir 51 pela base 5 :

$$\begin{array}{r|l} 51 & 5 \\ (1) & \cdot 10 \end{array}$$

$$51 = 5 \times 10 + 1$$

Em 51 ha 10 unidades de terceira ordem ; e o resto 1 representa as unidades de segunda ordem, da mesma especie do dividendo.

Vejamos ainda quantas unidades de ordem imediatamente superior ha em 10, que se compõe de unidades de terceira ordem. Isto é : vejamos quantas unidades de quarta ordem ha em 10, para o que basta dividir 10 pela base 5.

$$\begin{array}{r|l} 10 & 5 \\ (1) & \cdot (1) \end{array}$$

$$10 = 5 \times 1 + 1$$

Em 10 ha 1 unidade de quarta ordem e 1 de terceira, representada pelo resto.

Fazendo as devidas substituições :

$$\begin{aligned} 423 &= 5 [5 (5 \times 1 + 1) + 1] + 4 = \\ &= 5^3 \times 1 + 5^2 \times 1 + 5 \times 1 + 4 = \\ &= 10^3 \times 1 + 10^2 \times 1 + 10 \times 1 + 4 \end{aligned}$$

Ou, finalmente :

$$\begin{aligned} &(\text{seis}) \quad (\text{cinco}) \\ 423 &= 1114 \end{aligned}$$

24 — Na pratica dispõe-se assim o calculo :

$$\begin{array}{r|l} 423 & 5 \\ 41 & \underline{51} \quad 5 \\ \hline 13 & (1) \quad \underline{10} \quad 5 \\ 5 & (1) \quad \underline{(1)} \\ \hline (4) & \end{array}$$

25 — NOTAS — a) Os algarismos das diferentes ordens são representados pelos restos das divisões successivas, tomados em ordem inversa, excepção feita do da ordem superior que é representado pelo *quociente* da ultima divisão, indicado na fórmula (4) por q_m , por ser de facto o quociente da divisão de ordem m . Mas se dividissemos ainda este quociente, como fizemos aos precedentes, pela base b' , teriamos :

$$\frac{q_m}{b'} = 0 + \frac{r_m}{b'}$$

Ou

$$q_m = 0 + r_m$$

pois, como se sabe, q_m é menor que b' . Dessa maneira poderíamos representar o algarismo da mais alta ordem, como na fórmula (5), por r_m , o que a tornaria mais symetrica.

b) O numero na nova base terá tantos algarismos mais um quantas fôrem as divisões.

b) As operações dever-se-ão effectuar na base em que se acha escripto o numero.

d) Este processo emprega-se no caso particular da mudança de base de um numero escripto no systema usual para um outro systema qualquer, porque assim as operações serão effectuadas na base decimal. Exemplo. Seja o mesmo numero dado na nota *d* do primeiro processo e que queremos tambem passar da base decimal para a base *oito*.

$$\begin{array}{r|l} 792 & 8 \\ 7(0) & \underline{99} \\ \hline & 8 \\ 99 & \underline{12} \\ 1(3) & \\ \hline & 8 \\ 12 & \underline{(1)} \\ (4) & \end{array} \quad \begin{aligned} 792 &= 8 \times 99 + 0 \\ 99 &= 8 \times 12 + 3 \\ 12 &= 8 \times 1 + 4 \end{aligned}$$

Fazendo as substituições :

$$\begin{aligned} 792 &= 8 [8 (8 \times 1 + 4) + 3] + 0 \\ &= 8^3 \times 1 + 8^2 \times 4 + 8 \times 3 + 0 \\ &= 10^3 \times 1 + 10^2 \times 4 + 10 \times 3 + 0 \end{aligned}$$

ou, finalmente :

$$\begin{aligned} &(\text{dez}) \quad (\text{oito}) \\ 792 &= 1430 \end{aligned}$$

Os restos da fórmula (5) tomaram os seguintes valores

$$r_3 = 1, r_2 = 4, r_1 = 3, r = 0.$$

(Continúa.)

FROTA PESSÔA.

OS PARENTHESSES

(ED. ROSTAND)

Naquella tarde, junto a um carvalho alteroso,
(Carvalho que talvez fôsse uma tilia apenas)
Sentando-me a teus pés no relvado cheiroso,
Puz-me a onvir de tua vóz as inflexões serenas,

Loura, como se é loura em romances inglezes,
Davas á tua cadeira um movimento egual;
Ouviamos um melro assobiar por vezes,
(Melro que era talvez apenas um pardal.)

De uma orchestra longinqua um andante nos vinha,
(Andante que talvez fôsse apenas um fado.)
Com um grande gesto verde, a ramagem visinha
Parecia tocar um violino encantado.

Todo o céu se diluía em fitas d'ouro e sangue,
E ao longe, a superficie espelhante de um lago
(Lago que era talvez apenas algum mangne)
Reflectia o perfil dum bosque azul e vago.

E enquanto uma esperança em mim azas abria,
(Uma esperança que talvez fôsse um desejo)
Teu inquieto balanço as rendas sacudia,
E eu tentava, no vôo, imprimir-lhes um beijo.

Sobre as dobras sem fim dos fólios e das gazes,
Eu me punha a fazer calculos transcendentos.
Languidos, a scismar, nós trocavamos phrases,
(Phrases que eram talvez palavras innocentes.)

O teu véo se agitava, e a gola rica e immensa,
De um bordado subtil de Genova precioso,
(Genova que talvez fôsse apenas Valença)
Muitas vezes velava o teu olhar formoso.

Negro como um borrão n'alva margem dum texto,
Caíu no teu vestido um insecto — e o temor
(Temor que era talvez apenas um pretexto)
Fez-te unires-te a mim, buscando um protector.

Para o pallido céu um galho alto e direito,
Como a avisar-me, erguia um dedo esguio e nú.
Anoiteceu. Crusaste um chale sobre o peito.
(Chale que era talvez apenas um fichú).

A sombra nos levou a confidencias graves...
Nos teus olhos azues, brilhantes como o mar,
Eu vi então de uma alma os tons fundos e suaves.
(Alma que era talvez apenas um olhar).

1905.

LEOPOLDO BRIGIDO.